

Prémio de Literatura e Curta-Metragem

Filo-Lisboa 2020

CRISE PANDÉMICA:

QUEM

SOU

EU

NESTE

NOVO

MUNDO?



NOVA SCHOOL
OF LAW

CEDIS

CENTRO DE I&D
SOBRE DIREITO E SOCIEDADE



FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



GOETHE
INSTITUT

INSTITUT
FRANÇAIS
Portugal

SÃO
LUIZ
TEATRO MUNICIPAL

Coordenação de Soraya Nour Sckell

CRISE PANDÉMICA: QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO?

PRÉMIO DE LITERATURA E CURTA-METRAGEM
FILO-LISBOA 2020

COORDENAÇÃO
SORAYA NOUR SCKELL

1ª edição 2020

Assistência

Tamara Caraus

Imagem da capa

João Motta Guedes, *Invisible*

Design da capa

Amanda Argollo

Design e paginação

Daniel Brito

Direção Artística

Rita M. Guedes

Revisão

João Pedro Pimenta

Sckell, Soraya Nour (coord.).

Crise Pandémica: Quem sou eu neste novo mundo? : Prémio de Literatura e Curta-Metragem Filo-Lisboa 2020 / Soraya Nour Sckell (coord.). – Lisboa : CEDIS, 2020.

121p.: il. color.

Suport digital.

Vários autores.

ISBN 978-989-8985-13-2

1. Pandemia – Literatura. 2. Pandemia – Cinema. 3. Coronavírus (COVID-19) – Literatura. 4. Coronavírus (COVID-19) – Cinema. 5. Quarentena – Literatura. 6. Quarentena – Cinema. I. Título. II. Subtítulo.

CDU 82

791

Todos os direitos desta edição reservados ao

CEDIS - Centro de I & D sobre Direito e Sociedade

NOVA School of Law

Campus de Campolide, 1099-032 Lisboa, Portugal

Tel. (+351)213847466

cedis@fd.unl.pt <http://cedis.fd.unl.pt/>

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto *Cosmopolitismo: Justiça, Democracia e Cidadania sem Fronteiras* (PTDC/FER-FIL/30686/2017) – CFUL (Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa) / CEDIS (Centro de Investigação e Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade, NOVA School of Law).

NOTA PRÉVIA

A crise que conhecemos hoje é sintoma de uma grave patologia. A anamnese revela-nos que esta crise não veio ontem apenas de um mercado longínquo, mas tem causas ecológicas, sociais e políticas mais profundas. O diagnóstico: não estamos a ser atingidos, hoje, de forma igual. O prognóstico: se amanhã fizermos como fizemos ontem, novas pandemias ou outros riscos globais continuarão a surpreender-nos. O remédio é uma mudança radical do nosso modo de vida. Mas como?

Questões muito antigas são agora refeitas e as respostas não podem ser as mesmas de antes: quem sou eu e o que quero ser? Qual o meu lugar na minha comunidade, na minha cidade, no meu país, no mundo, no universo? Em que sociedade vivo e para onde esta caminha? Do quanto da minha liberdade posso abdicar, por respeito? Do quanto, daquilo de que usufruo, posso privar-me, por solidariedade? Quantos dos meus direitos podem ser restringidos, por segurança? Quem está protegido, “imunizado”, mas quem está vulnerável, invisível, abandonado? Que valores são promovidos e que valores são desprezados? O que é o bem-comum, a felicidade, o medo, a vida e a morte? Como vivo e como quero viver?

O Teatro São Luiz, o Institut Français du Portugal, o Goethe-Institut de Lisboa e o projeto *Cosmopolitismo: Justiça, Democracia e Cidadania sem Fronteiras* (PTDC/FER-FIL/30686/2017, FCT, I.P., Portugal – Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa / CEDIS, NOVA School of Law) convidaram o público a enviar textos e curta-metragens com respostas a estas questões. O evento teve o apoio das seguintes instituições: Fonds culturel franco-allemand/Deutsch-Französischer Kulturfonds, Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa, Embaixada da Alemanha em Portugal, Embaixada da França em Portugal e Antena 1. Os textos vencedores, bem como os textos das curta-metragens, são publicados neste volume.

Soraya Nour Sckell

AVALIADORES - PRIMEIRA FASE

TEXTO INFANTIL

Annie Carolinne Teixeira de Oliveira

Elaine Regina de Abreu Moreira

Fernanda Ribeiro Pinto

Joana Filipa da Silva Caseiro

Mayana de Cássia Kamiya

Romulo Sérgio de Carvalho Guerra

TEXTO JUVENIL

Amanda Salles da Silva

Bárbara Jennifer Paz de Abreu da Silva

Carlos Eugênio Costa da Silva

Fabiana Maranhão Ribeiro

Júlia Araújo Mota

Maria Inês Vilão

Mariana Strucchi Lobato

Marília Beatriz Leal Salvador Conti Higa

Paulo Vítor de Souza

Sara Fernandes

Tayrone Marquesini Chiavone

TEXTO SÉNIOR

Alfredo Dib

Aline Pereira Manfrin

Camila Santana dos Santos

Diógenes Ivo Fernandes de Sousa Silva

Dirk Michael Hennrich

Hussiane Araújo Amaral

Julia Goulart Sereno

Lili Pontinta Cá

Luiz Henrique Sormani Barbugiani

Maria Alexandra Mesquita
Mariana Machado André
Mateus Schwetter Silva Teixeira
Rafael Salatini de Almeida
Sara Pinto Teixeira,
Suzana Rahde Gerchmann

CURTA-METRAGEM INFANTIL

Daniela Serra Castilhos
Susana Ribeiro

CURTA-METRAGEM JUVENIL

Giovani Pagliusi Lobato e Moura
Julliana Barra Silva
Letícia Oliveira
Lucio Reis Filho

CURTA-METRAGEM SÉNIOR

Camila Arêas
Dina Cília
Edson Mendes de Araujo Lima
Jeovet Baca Virgínia
Luís Calle y Bonaccorso
Marcela Dalia Carneiro
Samara Leal Nascimento

JÚRI - SEGUNDA FASE

Adriana Veríssimo Serrão, Universidade de Lisboa

Armando Marques Guedes, Universidade NOVA de Lisboa

Cristina Robalo Cordeiro, Universidade de Coimbra (Presidente do Júri)

Irene Maria Portela, Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

Lúisa Neto, Universidade do Porto

PREMIADOS PELO JÚRI

(Prémio Escolha do Público indicado entre parênteses)

TEXTO SÉNIOR

PRIMEIRO PRÉMIO *EX-AEQUO*

Andressa Barichello, *Nadar*

Renato José de Oliveira, *Minha Fronteira*

SEGUNDO PRÉMIO

Edson Mendes de Araujo Lima, *Melancolia, pandemia e liberdade*

TERCEIRO PRÉMIO

Lucrecia Welter Ribeiro, *Talvez Amanhã*
(Segundo Prémio Escolha do Público)

MENÇÃO HONROSA *EX-AEQUO*

Bruno Edson de Oliveira Santos, *Quarentena na Quaresma*

Hugo de Melo Velho do Vale, *A vida que quer viver*

Licínia Girão, *Quem sou eu neste novo mundo?*
(Menção Honrosa Escolha do Público)

Maria Eunice Lacerda, *Biografia*
(Primeiro Prémio Escolha do Público)

Maurício Witczak, *Revelação*
(Terceiro Prémio Escolha do Público)

Miguel Montenegro, *Covidismo como Religião*

Stefanny Rodrigues de Moura Pereira, *Quem sou eu neste novo mundo?*

TEXTO JUVENIL

PRIMEIRO PRÉMIO

Alessandra Moresco Marques, *Quem sou eu neste novo mundo?*

SEGUNDO PRÉMIO

Jair Marinho da Silva Filho, *Finados*

TERCEIRO PRÉMIO

Bárbara N. Leidens, *A pandemia e a passividade apocalíptica*
(Menção Honrosa Escolha do Público)

MENÇÃO HONROSA EX-AEQUO

Fernando Trevisolli de Britto, *O Canarinho*
(Segundo Prémio Escolha do Público)

Karen Letícia Ferreira da Silva, *Os céus se fecharam numa noite de março*

Rebeca Oliveira Calheiros Pereira, *Quem sou eu neste novo mundo?*
(Primeiro Prémio Escolha do Público)

Lucas Matias, Maria Lopes, Maria Salomé, Mariana Silva, Ruben Isidro, Tiago Pereira, Tomás Vieira, *Tudo é passageiro*

Ana Beatriz Dias da Silva Nunes Torres, Inês Sofia Neto Rosa, Lara Marisa Reis Marto, Laura Cristina Rodrigues dos Santos, Maria Luísa Sofronii, Marta Sofia da Silva Damásio, Sara Filipe Santos Almeida, Violeta Maria Kneib Neves, *Quem sou eu neste novo mundo?*
(Terceiro Prémio Escolha do Público)

TEXTO INFANTIL

Beatriz Cruz de Moura, *Quem sou eu neste novo mundo?*
(Primeiro Prémio Escolha do Público)

CURTA-METRAGEM SÉNIOR

PRIMEIRO PRÉMIO

João Motta Guedes, *Invisible*

SEGUNDO PRÉMIO

Carlota Góis, *Inspiro*

TERCEIRO PRÉMIO

Cintya Floriani Hartmann, *Por tudo que devemos parar*

MENÇÃO HONROSA EX-AEQUO

Afonso da Rocha, *Vou partir*

Ana Paula de Oliveira Gomes e João Martins Freitas, *Quem sou eu neste novo mundo?*
(Terceiro Prémio Escolha do Público)

Cupertino Freitas, *Horas Solitárias*
(Segundo Prémio Escolha do Público)

João Meirinhos, *Um sólido multifacetado qualquer*

Marcelo Moreira, *O Estribilho do Amor no Esplendor do Amanhecer*

Marcus Deminco, *Bicho do Mundo Mudado*
(Menção Honrosa Escolha do Público)

Rogério Mestrinho, *Quem sou eu neste novo mundo?*
(Primeiro Prémio Escolha do Público)

CURTA-METRAGEM JUVENIL

MENÇÃO HONROSA

Cristiano Oliveira dos Santos Silva, Cyril Cordeiro Costa, Daniela da Silva Urbano Rodrigues, Francisca Vieira Alves, Gustavo Miguel Laranjeiro Leitão, Isabele Mamede Gomes, João Miguel Gama Castelão Ferreira, *Quem sou eu neste novo mundo?*
(Primeiro Prémio Escolha do Público)

TEXTO SÉNIOR

NADAR

Andressa Barichello

Uma piscina inflável apareceu no meio da avenida. Uma piscina insuflável, como se diz em Portugal. Antes, durante e depois da pandemia, fui, sou e serei uma mulher estrangeira. Há coisas que nunca mudam. Felizmente, nunca estrangeira ao ponto da piscina, esse feminino que voou de qualquer terraço para aventurar-se em solo desconhecido – e impróprio, diriam alguns.

Penso nos egos inflados e nos trabalhadores insuflados pelo mundo diante da grande crise: a piscina no meio da avenida só pode ser exibicionismo e revolta, dois extremos inconciliáveis, como continuam a ser a saúde pública e a exploração do capital. Também eu, às vezes, sinto-me assim, inconciliável: de um lado o desejo de abraçar a multidão e, do outro, o medo de arriscar demais. Quem é quem na ordem dos privilégios quando a ordem é fique em casa?

Não seria mais relevante reconhecermos o fracasso disso que está do que tentarmos, a custo, retomar o *nonsense*? Que preço pagaremos para continuar a ser a piscina desvairada? Ao ar livre é seguro, mas desconfia-se, sempre. E já agora se acabou o verão. Por isso ela foge sem culpa, só porque o vento sopra, acreditam alguns, enquanto todos a perseguem como se ela fosse um bicho solto a parar o trânsito. Uma dinossaura, assim, no feminino.

Também a pandemia é um feminino, penso. No masculino, o contágio, o vírus. É noite. Qualquer coisa que se interponha entre o livre fluxo de carros parece ter ares pré-históricos, anunciar uma hecatombe. Fico sempre com a impressão de que o fim dos tempos há de ser o retorno do passado, com a expectativa de que surjam animais já extintos, como o mamute pertencente à família *Elephantidae* incluída nos proboscídeos.

Proboscídeos: poderíamos chamar assim aos homens probos? Esses, em risco de extinção. A concordar com o sucateamento de tudo, com a descartabilidade de tudo. Trabalhadores inflam os lucros das empresas de aplicativo, até estourar. Uma piscina inflável é como um balão gigante.

A cada dia percebo que o fim do mundo (esse balão gigante!), quando chegar a hora, há de ser marcado pelo retorno de coisas como as ditaduras que, embora sejam um feminino, costumam ser inventadas pelos homens. O fim do mundo será para os homens e para as mulheres, mas a Terra continuará. A Terra, esse feminino, o nome próprio do planeta, esse masculino.

As ameaças, no fundo, nunca vêm do extinto, senão daquilo que pensávamos já extinto; o que raramente acontece aos animais, que são corpos e naturezas cuja morte se pode atestar, vide o que acontece em 2020 no Pantanal brasileiro, destruído pelo fogo, a deixar para trás um rastro de animais sacrificados. Que vírus terá sido o responsável? Existe mais que um, apesar de todos os nomes e supostas origens?

As ideias, enquanto isso, são as palavras sopradas, que também ardem. Em toda palavra-palavra que pode ser escrita há uma palavra-vírus, a metáfora. Para o bem e para o mal. A vizinhança, para o bem e para o mal, observa boquiaberta. Todos em suas varandas. No cruzamento, um carro pensa atropelá-la e, feito castigo, ela veste os vidros dianteiros, quase a provocar um acidente. Uma piscina. Uma piscina infantil. Arisca, feito onça. Acuada, feito onça. A ralar no asfalto, que às vezes é quente feito brasa.

Quem sou eu neste novo mundo? Alguém à procura da metáfora e da imersão, mesmo que no raso. Mesmo que no seco, apesar do risco de acertar em cheio o concreto. Se o mar for proibido, há de restar água doce e transgressão. Qualquer saudade de uma infância bem vivida.

Este novo mundo não é novo, é tão velho quanto os velhos, é tão velho quanto o genocídio dos povos e a devoração do planeta; apenas o mundo de sempre em trânsito de chegada, aterrissando (ou aterrando!), tirando a roupa, tirando... A máscara! A piscina inflável, penso, não deve ter sido conquista do sopro humano! Enchida por uma bomba é como se voasse recheada de *fake news*. Como se um dedo humano tivesse se distraído ao tentar tapar a sua boca e ela tivesse subido aos céus, força que quando escapa causa estragos. Disputará as eleições?

Mas não quero ser pessimista. Por isso, em meio à confusão da piscina, atrás da qual todos correm, devaneio o próximo verão. Quem sou eu neste novo mundo? Alguém que aceita o convite ao delírio, com a esperança de que o inconsciente ofereça respostas. O vírus, realidade concreta, metaforiza o simbólico. O tempo inteiro. Podemos escolher entre boiar ou buscar compreender... Por mais que o foco da nossa atenção pareça ser um objeto deslocado. Um objeto plástico. E voador. Que sejam plásticas as ideias, no feminino. Quem sou eu neste novo mundo? Que a pergunta permaneça aberta, respondida em ato. Em voo livre. Em elaboração contínua. É o que resta a se fazer com os traumas. Um homem, que alguns dirão herói, conseguiu a custo alcançar a danadinha. Ergueu-a como um troféu. E abraçou-a, fazendo com que ela murchasse até diminuir, diminuir, diminuir... No meio da rua, a piscina, picada por uma agulha. Que não era, ainda, vacina.

ANDRESSA BARICHELLO

É autora dos livros *Crônicas do Cotidiano e outras mais* (Scortecci Editora, 2014) e *Ter a escrita* (Editora Patuá, 2019), este finalista do Prémio Jabuti 2020 na categoria Crônica.

MINHA FRONTEIRA

Renato José de Oliveira

Personagens: Pai, Lindalva e Carlos

Cenário: O palco está dividido em dois ambientes. À esquerda, o quarto do pai. À direita, o quarto de Lindalva e de Carlos. O pai é um homem calvo, com cerca de 70 anos. Lindalva e Carlos são um casal na faixa etária dos 40 anos. Ela tem estatura mediana e ele é um pouco mais alto do que ela.

Luz no quarto do pai, que está recostado na cama, gravando um áudio no telefone móvel.

– Você quer que eu me levante da cama? Não vou me levantar, Tibúrcio, não quero cruzar minha fronteira. Devo? Então me explique: que diabo de pessoa sou eu hoje? Pode me explicar? Não me venha dizer de novo que não posso ficar deprimido com o acidente. Tudo bem, eu não morri, mas não foi você que lesionou a coluna e ficou sete dias em coma, foi? Também não adianta dizer que mesmo com a pandemia pude ser internado numa boa clínica e que tive atendimento correto. Não era pra ter? Pago caro pela saúde que o Estado não garante e nunca vai garantir. Só queria ver se tivesse precisado ir a um hospital público. Ia penar pelo Rio de Janeiro inteiro até que alguma alma caridosa me arranjasse um leito. Foi o que aconteceu com o filho da cozinheira que a Lindalva dispensou por causa da pandemia. O rapaz levou um tiro na cabeça e só foi internado porque um político influente intercedeu por ele, que cuidava das suas campanhas eleitorais no morro do Peru Pelado. Lá a briga é feia, os traficantes dominam grande parte da comunidade e tiroteio não falta. Pode registrar isso aí no seu *dreamphone* coreano. Ou já trocou por um chinês de última geração? A gente compra qualquer coisa, mesmo sem precisar, não é? Basta passar o dedo na telinha e pronto: pode comprar o mundo todo sem sair de casa... Eu sei, você já me disse, é a nova realidade. Depois de duas ou três pandemias como esta, o comércio presencial vai acabar. E os vendedores só vão mostrar as caras em cliques rápidos. Isso, é claro, se os clientes não forem recebidos por robôs solícitos nas portas das lojas virtuais.

Apaga-se a luz no quarto do pai. Luz no quarto do casal. Lindalva e Carlos estão deitados na cama.

– Por que acendeu a luz, Lindalva? Ainda são seis da matina.

– Acho que vou ver o papai, Carlos.

– Mas o café dele não é só mais tarde?

– Acordei com uma sensação esquisita.

– Deixe disso. O barulhinho da chuva é ótimo pra dormir.

Apaga-se a luz no quarto do casal. Luz no quarto do pai, que continua a gravar.

– Tudo isso me assusta. Você pode achar que é saudosismo, mas hoje é cada um por si e Deus por ninguém. O mundo parece até chacota do diabo. Quem se preocupa com o outro? Uma amiga da Lindalva doou um rim para o marido, que precisava de transplante. Um belo dia os dois brigaram, o casamento acabou e ela requereu na Justiça o rim de volta. De solidariedade assim o inferno tá cheio... muita gente só quer saber do seu direito individual e se você criticar, a pessoa vira bicho. Não vê esses malucos que negam a gravidade da pandemia? São contra o isolamento social porque tira a liberdade. São contra o uso da máscara porque rouba a identidade. São contra a nova vacina e ela ainda nem ficou pronta! Mundo estranho, Tibúrcio. E eu aqui, na espera. Espero pelo seu áudio e pelo café fraco, com pão dormido e geleia de fel que a Lindalva sempre traz depois das oito. Rio com cara de palhaço, digo que vou comer e quando ela virar as costas... Ah, Tibúrcio! Vou jogar tudo na privada sem pena nenhuma. Ok, Ok, preciso antes ouvir suas recomendações... então, fale! Quero ouvir seu áudio!

Apaga-se a luz no quarto do pai. Luz no quarto do casal.

– Querido...

– Hum...

– Se papai pegar o vírus e morrer, não vai ter velório. Tá proibido.

– A gente filma o corpo dele na capela funerária e posta o vídeo.

– Você me ajuda?

– Ajudo, juro...

– Mas e as orações?

– É só marcar o horário e cada um reza onde estiver, vendo o vídeo...

– Não gosto disso.

– E eu detesto falar de coisas idiotas. Seu pai não vai pegar vírus nenhum, então fica quietinha e me deixa dormir.

Apaga-se a luz no quarto do casal. Luz no quarto do pai, que continua a gravar.

– Tibúrcio... sou eu de novo, adoro brincar de falar. Espero que você não estrague a brincadeira deixando de me escutar porque falo muito. Quando gravar seu áudio diário pra me enviar, não se esqueça de me explicar o que lhe pedi, está bem? Preciso saber quem você acha que eu sou neste mundo de hoje. Pode ser que eu me reinvente. Não é a palavrinha

mágica do momento? Então... talvez sua lábia me convença. Já convenceu a Lindalva, ela jura que acredita na sua fama de Esculápio milagreiro e acha que você vai consertar a minha cabeça. Nem Freud a consertaria...mas cada um acha o que quer, não é? Eu não acho nada, só sei que esta pandemia é uma porta aberta para o apocalipse. Por isso a porta do meu quarto fica sempre fechada. Dou muito trabalho, não é? Hoje minha alma está mais azeda que a geleia de morango da Lindalva. Certo, certo, você entende tudo de azedume. Faço força pra acreditar. Mas um demoniozinho me azucrina como azucrjava o Sócrates, aí pergunto e peço explicações. Perguntar faz bem. Se estiver errado, pode torcer o meu pescoço, juro! Veja só: eu, ateu, jurando que nem a Lindalva e o Judas do meu genro. Sinal dos tempos, pode pôr na conta do vírus também. Se ele vai pagar ou não, não sei. A gente só sabe que não sabe nada, tudo pode acontecer. Ontem vi uma lua gigante, linda. Parecia um cetim cor de sangue incendiando o céu. Mas no meio da madrugada...O vento vampiro chupou a luz da lua e no lugar dela deixou nuvens escuras. Agora, que a manhã chega com preguiça, a chuva parece que quer dissolver a janela.

Apaga-se a luz no quarto do pai. Luz no quarto do casal.

– Amor. Papai grava sem parar. Acho até que nem dorme.

– Normal...

– Como assim?

– Ele precisa se distrair com alguma coisa, já que não pode andar.

– Mas podia conversar um pouco com a gente em vez de só dizer sim ou não.

– E você, que tá sem sono, podia conversar com alguma amiguinha da rede e me deixar dormir...

Apaga-se a luz no quarto do casal. Luz no quarto do pai, que continua a gravar.

– Quer saber, doutor? Esse quarto não me alucina. Por quê? As paredes ainda têm fotos e quadros que falam muito de mim. E bem ali, em cima da escrivaninha, dormem os livros que mais gostei de ler na vida. O primeiro da pilha é do Kafka. Qualquer hora gravo um vídeo e lhe mando, acho que vai gostar de saber como é a minha prisão. Mas, repito, ela não me alucina. Eu é que alucino os outros. Só eu e você sabemos que já posso andar com dificuldade e que não ando porque não quero. Não vai quebrar sua palavra e contar isso à Lindalva, vai? Bem, se fosse, não ia me encher de remédios, ia? Não preciso deles, nem dos cuidados da Lindalva, nem do carinho fingido do Carlos. Só preciso de uma coisa: que você me diga quem eu sou neste mundo de hoje.

Apaga-se a luz no quarto do pai. Luz no quarto do casal.

– Meu bem, Tibúrcio não parecia muito animado quando falei com ele ontem. Não é fácil tratar de um paciente depressivo como papai no meio da pandemia, ainda mais sem fazer

atendimento no consultório. Também fico desanimada.

– Mas eu fico animadíssimo...

– Sério?

– Olhe nos meus olhos. Tô rindo à toa...Joguei até às três, perdi, perdi e perdi! E agora, seis e meia da manhã, você resolveu não me deixar mais dormir.

Apaga-se a luz no quarto do casal. Luz no quarto do pai, que continua a gravar.

– É incrível como o Carlos dorme. Aposto que perdeu tudo no jogo, mas não perdeu um centavo de sono. Sabe por que não gosto dele? Tem olhos de ébano, impenetráveis como uma tumba. Nenhum brilho sai daqueles olhos, faça chuva ou faça sol. Com vírus ou sem vírus, Carlos é um personagem sem graça. Eu, você sabe, fui intérprete, diretor, roteirista... Criei e vivi vários personagens interessantes. Um deles, o doutor Silas, é a sua cara, Tibúrcio. Quer ver? Então, fique de frente para o espelho – alienistas se miram no espelho ou têm medo de virar alienígenas? Todo mundo tá com medo de alguma coisa e vocês não são diferentes. Se Hobsbawm fosse vivo, tinha que escrever a Era da Paranoia. Bem, fique de frente para o espelho e repita com a gana de quem arranca da alma uma angústia profunda: “olho para o mundo em crise e só vejo sombras. Soturnas e sinistras, as sombras caem sobre o desalento dos homens. O que devo lhes dizer, se sou apenas um médico? Como vou curá-los se não posso, não devo e não quero ser Deus?”. Não é difícil repetir isso. Difícil é me fazer levantar da cama com a doença assombrando as pessoas lá fora. E o Carlos faz o favor de renovar o estoque doméstico de vírus todo santo dia. Nem máscara ele usa quando vai à rua. Pelo menos é o que a Lindalva diz.

Apaga-se a luz no quarto do pai. Luz no quarto do casal.

– Carlos. Vou lá ver meu pai. Se precisar de você, eu chamo.

– Pode ser que eu não escute.

– Então ou eu choro ou eu grito, tá bem?

– É melhor chorar. Não acorda a vizinhança.

Apaga-se a luz no quarto do casal. Luz no quarto do pai, que continua a gravar.

– Esperei demais pelo seu áudio. Nem adianta pedir desculpas pelo atraso, Silas. Gostou do seu novo nome? Vesti meu personagem em você e nem perguntei se queria vesti-lo... A arte é assim: leve como as mentiras sociais bem aceitas ou pesada como as verdades que não se quer ouvir. Então, pesou em você? Ah, doutor, bem menos do que as suas receitas pesam no cartão de crédito da Lindalva. Pensa que sigo alguma? Escondo as pílulas embaixo da língua até a Lindalva sair do quarto e depois cuspo. É desperdício, eu sei, faço minha filha gastar o dinheiro que já não tem. Perdeu clientes com a pandemia. No meio dessa loucura

toda, quase ninguém quer fazer obras em casa. Ela também precisa se reinventar, mas ainda não sabe como. Você tem alguma ideia? Ela precisa de ideias, porque o Carlos não tem nenhuma e gasta demais. O Iscariotes, que nunca trabalhou mesmo quando podia escolher emprego, gasta tudo. Não tem vergonha, não tem juízo, não tem fronteira para o próprio vício. Por falar em fronteira, você quer que eu transponha a minha, não quer? Vou fazer essa bondade, mas não do jeito que você imagina. Esperei muito e não preciso mais que me diga ou que invente quem eu sou. Eu já me reinventei: agora tenho antenas e muitas pernas. Posso correr sem dificuldade, como um inseto. Kafka conhece bem o sentido dessa liberdade. Não sei se você leu a história da *Metamorfose*, mas, se não leu, infelizmente não tenho mais tempo para lhe contar. A liberdade urge, Silas, e vou ao encontro dela. Sou um ser de livre vontade, não sou? Então, neste mundo em crise, posso me ver do jeito que quiser. Algo contra? Não perca seu tempo com objeções, já não consigo compreender suas palavras. Começo a contar: três...dois...um, e. vou cruzar minha fronteira!

Apaga-se a luz no quarto do pai. Em seguida, acendem-se luzes nos dois ambientes. Lindalva está de pé, na porta do quarto do casal. Ela olha para o quarto do pai, que está arqueado e se move lentamente.

– Carlos, Carlos, Carlos!!!

– Que foi, mulher? Viu algum fantasma no quarto do seu pai?

– Papai saiu da cama! Tá andando meio esquisito, parece até uma barata que virou gente. Deve ser porque ficou muito tempo sem andar.

– Parabéns...

– Deus seja louvado! Agora só falta ele conversar comigo!

– E eu ganhar hoje no pôquer *on line*, Dalvinha... posso usar de novo o número do seu cartão de crédito?

Apagam-se as luzes.

F I M

RENATO JOSÉ DE OLIVEIRA

Tem 62 anos, é Doutor em Educação e professor aposentado de Filosofia da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Escreve textos de ficção desde os 15 anos, os quais assina como Renato Massari. Recebeu, entre outras, as seguintes distinções: *Barca das Lembranças*, romance premiado em primeiro lugar no prêmio Planeta Litterae – Melhor escritor do Rio de Janeiro, promovido pela editora Planeta Azul (junho/2020). Publicação prevista para 2021; *O*

Lenço de Cássio, crônica selecionada para publicação em E-book no concurso Compartilhando Leituras, promovido pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (junho de 2020); *A Intrusa*, conto selecionado para publicação em E-book no Concurso Literário Motus #4, promovido pelo Motus - Movimento Literário Digital, Universidade Federal do Pampa, campus Alegrete (setembro/2020). Dentre os livros individuais já publicados, destacam-se: *Vida, um Glossário Poético*. São Paulo: Baraúna, 2015 (Poesia); *Montagens Cariocas*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019 (Conto); *Sentimentos, Sabores, Semblantes*. 2^a.ed., São Paulo: Baraúna, 2020 (Poesia).

MELANCOLIA, PANDEMIA E LIBERDADE. A VOZ DA SOLIDÃO

Edson Mendes de Araujo Lima

Não há este novo mundo, se você já conhece os outros, que são esses mesmos de Heráclito – e, se todos os mundos são novos mundos todos os dias, pandemia, peste, fome, desavença, cálculo, risco, abuso, desespero, isolamento e morte são velhas notícias de qualquer jornal, desde o dilúvio da Mesopotâmia e as pragas do Egito às chamas de Pompéia e o terremoto de Lisboa.

O que é novo, de fato, é o homem.

Há uma crise generalizada, evidentemente. Suas diversas dimensões, contudo, não são impostas pela natureza. A natureza não castiga, não perdoa, não lembra, não esquece. Os homens sim, manipulam, copulam e produzem eviscerações e pústulas, clones e vacinas, desilusões e esperanças, danos e benesses, maravilhas e monstruosidades.

O Estado moderno, capitalista e mínimo, não pode ser solidário se não for social, mas como tornar pública a saúde particular? E particulares os benefícios da economia comum? São perguntas difíceis, porque incompreensíveis ao homem que se recolhe e se limita às circunstâncias de sua individualidade, esquecendo-se do *religere*: ligar mais uma vez, reunir, religar os fios do vestido, do sofá, da família, da ágora, da coletividade.

Neste novo-velho mundo, estamos tão concentrados na tela e nas teias do *smartphone* que julgamos poder eliminar do velho-novo sistema solar os diferentes, os contrários, os adversários, os divergentes, os *outros mundos* – modernos Procustos que pensam ser a medida de todas as coisas, das que são como são e das que não são como não são.

Nesta algaravia, o silêncio dos inocentes cala forte sob o clarim das ignorâncias: quem pensa que sabe deseja calar quem não sabe, o poder econômico subjuga o político, a tecnologia submete a decisão, e as inteligências *sapiens* titubeiam perante as artificiais. *Quo vadis?*, diriam os profissionais da solidão. Para onde vais, ó espécie, ó demência, ó bile, ó vã e inútil liberdade prisioneira do *pseudo*-arbítrio dos loquazes...

A loucura (*ekstasis*) e a idiotia (*morósis*) são doenças da bile negra, como disse Aristóteles, ou são *sintomas*? A questão parece ínfima, mas é enorme: estamos dizendo, neste século 21, que é preciso eliminar os loucos e os idiotas – assim estilizados os que não pensam *como nós* - sadios e *sapiens* - e assumir o poder para imprimir um novo ritmo à velha rotação, isto é, os que têm a *razão* é que salvarão o mundo!

Há uma voz que nos lembra: não há nada de novo no *front* ocidental, embora hoje

as drogas artificiais substituam as naturais de Asclépio, mas em Epidauro, no Ararat ou na Bahia, tanto faz, é preciso restabelecer algum equilíbrio entre os orixás e os olímpicos, entre os maníacos e os depressivos, entre os vícios e os vícios. A virtude está no meio?

Entre os excessos, de carência ou de fartura, a *melancolia* dos gregos - hoje a depressão dos cosmopolitas - pode ser um adjutório eficaz na fuga das prisões pandêmicas, *desde que* se faça uma pausa, mínima que seja, para *pensar* antes de agir.

As emoções humanas são todas úteis. O nojo, o medo, a raiva, o desprezo, a surpresa, a alegria, a tristeza, os sentimentos nos ajudam, ou nos obrigam, a enfrentar as realidades da vida e as dores do mundo. A tristeza, ou melancolia, pode ser um excesso, e portanto um vício, mas é o componente básico do *gênio*, isto é, o homem de exceção. Na *mistura* ideal (?), promove o *comportamento de exceção*. Diz Platão, em Fedro, que “há duas espécies de loucura: uma que é devida às doenças humanas; a outra a uma transformação, sob a influência divina nas nossas práticas ordinárias”.

Assim, a doença pode nos levar à transformação, não a do vírus, mínima, mas a de nossas práticas quotidianas, máximas, que, pesadas e avaliadas na lupa filosófica da fragilidade humana, levem à inflexão dos comportamentos, contendo delírios e aquietando espíritos. Nós somos prisioneiros da liberdade, mas também somos senhores da reflexão e do argumento – refletir e argumentar, afinal, é o que levou o homem da barbárie à civilização.

A voz da solidão, desta *solitude* forjada nos subterrâneos da crise pandêmica, não é apenas um lamento dos que sofrem; nela há também um sopro de alegria, que pesa e pondera sobre o nosso futuro comum: tudo passa.

Tudo passa, e passará, mas passará primeiro o temor da finitude mediata, junto com as desaglomerações, os confinamentos, as máquinas de respiração, os hospitais de campanha, os *lockdown*, os protocolos, o senso e, não se deve esconder, o bom-senso – forma sensata e equilibrada de decidir e julgar; razoabilidade, lógica, prudência, dizem os dicionários – isto é, uma forma de agir que não é afetada pelas paixões, que se pauta na razão e no equilíbrio, de acordo com os padrões e a moral vigentes...

Nesse novo mundo que *virá* serão restabelecidos os padrões vigentes, ou novas réguas de moral e ética, pensadas e refletidas, nos servirão de base para edificar um outro edifício social? Sobre os escombros das atuais estruturas geopolíticas, econômicas e sociais, somente os líderes que venham a surgir destas horas infelizes serão capazes de transformar o cômodo no incômodo, o incômodo em vontade, a vontade em decisão, e assim, e por isso, e para isso, devemos laborar e orar, vigiar e punir, pesar e ponderar.

Sem a serenidade dos que pesam e ponderam, mas com a navalha do verbo, porém, o velho Rapsodo já vaticinava, olhando para trás: “prefiro ser esta metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

E sobre uma *nova ordem*, disse Niccolò dei Machiavelli: “não há coisa mais difícil de se fazer, mais duvidosa de se alcançar, ou mais perigosa de se manejar do que ser o introdutor de uma nova ordem, porque quem o é tem por inimigos todos aqueles que se beneficiam com a antiga ordem, e como tímidos defensores todos aqueles a quem as novas instituições beneficiariam”.

Aqui então podemos fazer uma pausa nesta breve interrupção do *interstício*, para refletir sobre o que dizemos, fazemos e propomos – porque há o risco de se repetir Tomasi de Lampedusa: “algo deve mudar para que tudo continue como está”.

Quem sou eu neste novo mundo?

Não sei, mas temo, peso, pondero, oro, laboro. E luto.

EDSON MENDES

Nasceu em Paulo Afonso, no Raso da Catarina, Bahia, Brasil. Recebeu em 2017 o Prémio de Poesia da Academia Pernambucana de Letras.

TALVEZ AMANHÃ

Lucrecia Welter Ribeiro

Talvez amanhã, quando o isolamento for coisa do passado,
agradeçamos a Deus por sermos sobreviventes do maior Titanic do mundo.

Talvez amanhã, com a natureza mais colorida e os animais mais saudáveis,
saibamos que eles seguiram seu ritmo, sem lhes importar o naufrágio humano.

Talvez amanhã, sabendo que o viver rural é mais saudável que a urbanização,
cuidemos melhor de nosso corpo e mente, baluartes de harmonia, vigor e vida.

Talvez amanhã, quando dermos adeus às máscaras,
tenhamos coragem de beijar o irmão que não perdoávamos há tempo.

Talvez amanhã, quando Solidão não for mais sobrenome do Coronavírus,
valorizemos o amor e as celebrações em família.

Talvez amanhã, quando os grupos sociais voltarem à ativa,
estendamos um olhar igual para o poderoso e o mendigo.

Talvez amanhã, quando o “chegar mais perto” e os abraços voltarem,
resolvamos acolher o idoso e o doente abandonados no tempo da pandemia.

Talvez amanhã, quando os fiéis puderem novamente ajoelhar-se diante do altar,
alegremo-nos por haver transformado nossos lares em templos de oração.

Talvez amanhã, ainda acostumados ao ritmo mais brando dos dias,
continuemos a dar valor às crianças que suplicam nossa atenção.

Talvez amanhã, convencidos de que é possível trabalhar e estudar a distância,
reconheçamos nossa casa como “o melhor e o mais seguro lugar”.

Talvez amanhã, quando nos dermos conta do número reduzido de amigos vivos,
percebamos o quanto é frágil e efêmera a nossa vida.

Talvez amanhã, depois de o gigante econômico sofrer a maior queda dos tempos,
entendamos que o dinheiro e o poder não conseguem resolver tudo.

Talvez amanhã, quando as grandes lojas abrirem suas portas e janelas,
admitamos que é suficiente “o pouco” para se viver bem.

Talvez amanhã, quando a tempestade cessar sua fúria,
passemos a viver o sonho sonhado por Deus e o homem no paraíso.

Amanhã... talvez!

LUCRECIA WELTER RIBEIRO

Nasceu em Toledo, estado do Paraná, Brasil, em 1953. Presidente da Associação das Academias de Letras, Ciências e Artes do Paraná - ALCA; fundadora da cadeira 17 e Presidente da Academia de Letras de Toledo ALT; idealizadora, coordenadora e fundadora do Grêmio Haicai Sakura de Toledo-PR; Delegada da UBT – União Brasileira de Trovadores em Toledo-PR; Coordenadora Geral da Revista Philos - A Revista das latinidades; membro do Clube da Poesia de Toledo-PR; poeta multipremiada em concursos literários. Tem livros publicados e participação em dezenas de antologias poéticas.

QUARENTENA NA QUARESMA

Bruno Santos

— Vai levar a santa e volta correndo.

O garoto levantou a orelha como um cachorro, sabia que se a mãe falasse novamente seria um berro daqueles. Largou o toco que estava martelando, agarrou a imagem de nossa senhora, levou para a mãe beijar, beijou a imagem e saiu pela porta rumo à vizinha, o Tripa junto, olhando o garoto como se fosse receber algo para comer.

— Dona Dete, é a santa! - Foi abrindo o portão.

Dona Dete veio com um vidro na mão, pegou a santa com certa urgência, encharcou um retalho de pano e passou por toda a imagem. Só depois olhou para o menino; o Tripa ficou do lado de fora.

— Essa doença está matando a gente. Não aguento mais ficar em casa sem poder sair nem no portão, estou por fora de tudo.

— Qual doença?

— Essa que tanto falam, essa doença nova.

— Achei que todas as doenças fossem velhas.

— É a ganância do povo, Deus castiga.

— Minha mãe fala isso também.

— Quando criança, na quaresma, tinha medo só de assombração.

— Assombração existe?

— Claro! Está vendo aquele toco seco na praça? Tem um corpo seco que fica sentado nele.

— Nunca vi nada.

— Uma vez eu vi, mas depois que fizeram a praça, ele sumiu.

— Mas e o toco?

— Não quiseram tirar o toco para não deixar o corpo seco bravo.

O garoto deu uma risada enquanto saía pelo portão e Dona Dete entrou com a santa para a casa.

— Vai levar o lixo lá fora e volta correndo.

Já era noite e desde aquela tarde pensara somente no corpo seco. Até quis brincar de corpo seco, mas sua mãe deu logo uma bronca:

— Quaresma, brinca com isso não, menino!

Apanhou o saco de lixo, o Tripa logo veio achando que era hora do jantar. Ambos saem à rua; devido à quarentena está tudo vazio, as ruas e a praça. O menino olhou o toco seco. Fosse hora de fazer uma travessura. Olhou novamente o toco apagado, olhou as casas acesas e caminhou rumo ao centro da praça. Fez de tal valentia, pois além de enfrentar o corpo seco estava desobedecendo a sua mãe. Chegando ao local não avistou nada além do toco e lixo em volta. Ainda caminhou circundando o tronco velho, sentou-se nele como se sentasse no lugar de alguém. Não sentiu nada, não viu nada, achou uma grande bobagem. O Tripa começa a latir com algo, um latido insistente como quando chegam visitas.

— Vem pra casa menino! Disse pra voltar correndo - Gritou a mãe do alpendre.

O menino chama o Tripa e corre até a mãe. Olhando para trás, o Tripa ainda estava latindo.

— Vem Tripa, tem nada aí não!

O cão volta correndo. Ao entrarem a mãe faz de brava.

— Eu disse pra não ficarem de bobeira na rua.

— Tem corpo seco lá não, mãe!

— Que corpo seco? Está doido? Estou falando da nova doença. Já pra dentro.

BRUNO SANTOS

Escritor e artista visual, já participou em diversas antologias, jornais literários e fanzines. Autor dos livros *O Sopro contra a Tempestade* e *A vírgula do tiro*, ambos de poesia. Em 2013 ficou como segundo colocado no concurso Nacional Mário Quintana. Atualmente está escrevendo novo livro de poesia, contos e livros infantis.

QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO? NOVOS VELHOS MUNDOS

Licinia Girão

será que nenhum poder me devasta ainda?
que um nó de sangue na garganta,
um nó de ar no coração,
que a mão fechada sobre uma pouca de água,
e eu não possa dizer nada,
e o resto seja só perder de vista a vastidão da terra,
sem mais saber de sítio e hora

Herberto Helder
*A Morte Sem Mestre*¹

Crise Pandémica

A vida muda. A minha vida mudou. Oscila agora entre a tragédia e a comédia. Em nenhum momento há lugar para o que está aquém do sofrimento. Ainda não consigo não padecer à solidão nem à traição. E, porque não desejo que me estimem por compaixão, procuro adaptar-me concebendo fora de mim a desgraça.

Confinamento! Uma nova forma de estar? O isolamento social não é nada de novo. Nem para mim, nem para milhões de pessoas em todo o mundo. Um acidente, uma doença grave, uma guerra, catástrofes, perseguições políticas e religiosas. Enfim, um qualquer incidente ou acontecimento imprevisto que altera o rumo dos sonhos, das sensações e da vida. Em regra, sem aviso prévio, a qualquer momento, milhares de homens, mulheres e crianças podem entrar em clausura um pouco por todo o mundo. Quem se importa? Na melhor das hipóteses, pais, filhos, cônjuges, irmãos, avós, tios, primos e amigos. Eventualmente, algumas organizações. Permanecem por perto os que honram a amizade. Ficam os companheiros que realmente cumprem com o juramento – “juntos da saúde e na doença... até que a morte nos separe”. E todos os outros (poucos) que resistem. Ou, simplesmente, ninguém! Entretanto, as existências alheias seguem o seu rumo.

Dois anos sem sair de casa. Meses de solidão, tristeza, depressão. Ansiedade. Melancolia. E a vida a correr lá fora. Um novo mundo não é de hoje. Este de que se fala parece, num primeiro olhar, insignificante. E ter essa consciência é aceitar a humilhação de me conhecer-

¹ HERBERTO HELDER, *A Morte sem Mestre*. 1ª ed. Porto, Porto Editora, 2014, pp. 8-9.

De me olhar como os outros me olham e desprezar-me por isso.

Um destino que não escolhi. Uma fatalidade que ninguém procura.

Amava...amava tudo! Os verões da infância. Os desalinhos da adolescência. A força e determinação da jovem idade adulta. O mar. Sempre e para sempre o mar! As palavras. Os sorrisos. A brisa das manhãs de primavera. As cores de outono. O perfume da terra molhada. O agreste dos montes, das montanhas e das serras. A serenidade e beleza dos vales, planaltos e planícies. Animais e pessoas. Enfim, ... amava a VIDA!

Passavam minutos que contava às horas e dias que contabilizava em meses. Se chorava? As lágrimas enxutas que se choram em silêncio contam? Um novo mundo em gestação. Pari um novo Ser em mim própria. Frio. Seco. Passou a existir um novo mundo? Existe hoje um novo mundo?

Ele renasce em todos os segundos. As crises pandémicas sucedem-se em diferentes momentos da História. Os mais diversos surtos podem suceder-se a cada instante. Concebem-se em díspares circunstâncias e arrasam impérios. Arruinam estados de alma. Aniquilam sonhos. Destroem projetos.

Tenho o passado cravado no corpo. As sequelas no espírito. Os novos mundos presentes. Do futuro não tenho nada. Anseio tudo? Sim! Porque não? Vivi e ultrapassei passados que não desejei. Aceitei-os. Vivo em função do agora. Mas deixo sempre para amanhã alguma coisa. Dá-me uma certeza de infinitude. Não quero acabar tudo. Sem projetos não me revejo.

O confinamento que surgiu sem aviso prévio criou-me incertezas. Tanto para fazer e o tempo parado. Eu ou ele, não sabia, não sei bem. E com o isolamento vieram as crises. Todas.

Foi-se o trabalho. A solidariedade. A minha e a fingida dos outros. A crise social está sempre presente. Essa é uma lapa. Tão impertinente como a económica e a político-jurídica. A de saúde pública e do Estado Social, ou é dos meus ouvidos, ou nunca deixei de ouvir de falar nelas. A crise ecológica há muito que ergueu a bandeira até ao cimo do mastro. Tão alto que parece ser mais fácil ignorá-la. Quem se atreve a querer ter um torcicolo?

Quanto a uma eventual crise na representação artística, não sei do que podemos efetivamente falar. Parece-me que a crise a este nível andarà em torno de como fazer chegar ao grande público os mais diversos atos de criação. Isto porque não restarão dúvidas de que é a partir das entranhas da ebulição de todas as outras crises que a mente dos criadores mais fervilha.

Criar é um ato de inquietação. Resultado de desassossegos.

Poderei não ter de momento uma garantia de identidade. Uma força histórica e estoica em que me reconheça. Aguardo que se desvende em mim o mistério, para que me possa (re)editar, (re)inventar. Percorro o destino em câmara lenta. Apenas já só sei colocar umas

palavras a seguir às outras. Sem a percepção de que estarão no lugar certo. Imobilizo-as nas equações compostas. Deixo os significados para depois.

Àqueles livros que compro na esperança de adiar a eternidade perpétua ausente deste lugar junto-lhes bilhetes para espetáculos. Dos mais diversos. Anseio que me transportem pelas desventuras de caminhos que me poderão devolver o sorriso, a audição apurada e me envolvam pelo deleite que sempre encontrei entre o céu e a terra e nos cruzamentos onde dançavam o sol, a lua e as estrelas ao som do canto dos rouxinóis.

Quem sou eu neste novo mundo?

Neste novo (meu) mundo, claramente, sou aquela cujas pernas se tornaram trémulas no dia em que o médico me perguntou: – veio sozinha?

- Sim!

- Bom, ainda bem que decidimos operar. O resultado da biópsia tinha dado benigno, mas era maligno. Temos de avançar com tratamentos.

A pandemia estava instalada.

A morte não salva nada. Há então que comparar mais livros para adiá-la. Ninguém se atreve a morrer com leituras por fazer. Se morre uma parte da alma, talvez sobreviva uma parte do corpo. Se é amputada uma parte do corpo, talvez sobreviva uma parte da alma. E, assim, entre o sono e a vigília, mantém-se o desassossego.

Este novo mundo é um mundo novo que há muito (para não dizer desde sempre) milhões de pessoas descobrem todos os dias. Um mundo em que muitos vivem na esperança de um milagre ou à mercê de uma qualquer arbitrariedade. Um mundo que está sempre à beira de uma (nova) catástrofe. Novos mundos que, no entanto, outros tantos milhões de indivíduos preferem ignorar. São as pandemias económicas e a ambição desmedida que provocam verdadeiras mudanças. De um lado, as doenças, a pobreza, a fome e as guerras que se alastram a um cada vez maior número de pessoas. Do outro, riqueza, poder e totalitarismo concentrados num menor número de indivíduos. E o tempo a ficar sem tempo. O tempo de cada um de nós e o tempo que corre sorrateiro pelos relógios das novas Eras que se vão instalando. Dois terços da vida selvagem desapareceram nos últimos 50 anos. É a prova de que para que o Mundo sobreviva à humanidade a inteligência não chega, é necessário sabedoria.

Quando eu já não podia escrever notícias para o jornal ninguém quis saber. Quando os outros deixaram de poder exercer a sua profissão (incluindo, ou melhor, sobretudo os que produziam notícias) fizeram questão de que eu soubesse. Era necessário fazer alguma coisa. Insurgirmo-nos! Quando eu já não podia pagar a renda de casa ninguém quis saber. Quando os outros começaram a perder as suas casas fizeram questão de que eu soubesse. Era injusto!

Era necessário fazer alguma coisa. Quando eu adoeci gravemente ninguém quis saber. Quando os outros tiveram problemas de saúde ou acidentes fizeram questão de que eu soubesse. Necessitavam de apoio. Organizaram-se jantares de solidariedade e nunca se esqueceram de me enviar o convite. (Re)descobriram os meus contactos porque se eu pudesse ajudar de alguma forma ficariam muito gratos! Lembraram-se de mim aqueles que me tinham esquecido enquanto eu lutava pela sobrevivência a vários níveis.

Saberão estas pessoas o significado das palavras solidariedade, gratidão, amizade ou fraternidade? Sei o que sinto, o que os outros pensam não me importa. Eu já amei os amores dos outros. Inclusive em tempos em que não me amei a mim própria. Talvez tenha até, em parte, saudades desses tempos. Bem sei que a indiferença sentimental não desculpa tudo, mas dá-me o sossego que necessito. E, tal como Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, eu “durmo e desdurmo. Do outro lado de mim, lá para trás de onde jazo, o silêncio da casa toca o infinito. Oíço cair o tempo, a gota a gota, e nenhuma gota que cai se ouve cair. Oprime-me fisicamente o coração físico a memória, reduzida a nada, de tudo quanto foi ou fui”².

Tive de reinventar-me. Tal e qual como está a acontecer de novo, mas de um modo coletivo. Conceber-me de novo no seio da desgraça. Olhar-me de fora. Reconhecer-me na loucura e passar a desprezar-me. A minha velhinha mãe fala comigo agora através de uma grosseira porta de vidro. A maioria das vezes não sabe quem sou, mas na sua mais sincera lucidez diz-me: “não sei da minha vida, perdi-a, não consigo encontrá-la”. Dei-me conta de que também eu há muito que não encontro a minha.

Procurá-la também não me sossega a alma. Se é certo que não mais a terei de volta, porquê buscar um passado que não regressará? Além de que já não sou o que fui. As pandemias transformam os corações. A existência. Levam-nos a abdicar da essência. Contudo, há algo em mim que conserva o sonhado. Um movimento involuntário tem-no mantido intacto.

Um labirinto de emoções tem-me vindo a transformar (de novo). Não cobiço nenhum retrocesso, mesmo quando a saudade invade as memórias dos tempos que não deixarei o tempo esquecer. Produzirei um novo poema.

O prognóstico é, no entanto, reservado. As crises foram, ao longo dos tempos, sendo diagnosticadas. Mas os tratamentos (para já não referir o facto de nunca terem sido tomadas medidas de prevenção) resumiram-se quase sempre a teorias, não a atos concretos. E se foram surgindo algumas propostas de “vacinas” que pudessem antecipar ou evitar as doenças (crises, entenda-se), o nosso hábito visceral da descrença e os estados de negação (ou de resignação, não sei bem) têm-nos arrastado para este descarrilamento coletivo. Para uma minoria foi sempre importante que a maioria se individualizasse, se silenciasse, não tivesse

² FERNANDO PESSOA, *Livro do Desassossego: Composto por Bernardo Soares, Ajudante de Guarda-Livros na Cidade de Lisboa*. 2ª ed. Porto, Porto Editora, 2017, p. 59.

opinião. Facilmente os tiranos dominaram os lacaios e passaram a comandar a orquestra.

A civilização tem-nos dado infinitas oportunidades. Porém, o totalitarismo que se tem vindo a instalar um pouco por todo o mundo, ao ritmo de uma qualquer pandemia, tem vindo a nausear a humanidade. As crises vão-se entrelaçando e afundando cada vez mais os mais pobres e desfavorecidos. A crise pandémica provocada pela Covid 19, independentemente da sua origem, é na verdade a consequência do lusco-fusco da nossa consciência. Resultado das nossas incertezas e indiferenças perante tantos outros surtos. Ainda estou longe de acreditar que, finalmente, nos unamos no combate às raízes dos males que assolam o mundo. Seria o tempo certo para a batalha. Para refletirmos e (re)pensarmos velhos hábitos e procurar encontrar soluções. No entanto, as palavras têm-se tornado cada vez mais vãs e as ideias e os ideais também, progressivamente, mais frouxos. De novo Fernando Pessoa, nas vestes do ajudante de guarda-livros, nos alerta: “Toda a vida da alma humana é um movimento na penumbra”³. E, acrescenta: “Nos melhores de nós vive a vaidade de qualquer coisa, e há um erro cujo ângulo não sabemos. Somos qualquer coisa que se passa no intervalo de um espetáculo; por vezes, por certas portas, entrevemos o que talvez não seja senão cenário. Todo o mundo é confuso, como vozes na noite”⁴.

Se nos conformarmos sairemos vencidos. As tragédias das nossas vidas não as podemos sempre associar ao malfadado destino. Resta-nos repudiar a vida real e comandar os sonhos pelo caminho da libertação. Só seremos senhores dos nossos desejos se nos libertarmos das futilidades da vida. Juntos, inquietos e atuantes evitaremos o abismo.

Não sou hoje quem fui ontem, nem desejo ser amanhã quem sou hoje. Também não sei quem sou. Se tivesse a lucidez de me (re)conhecer poderia descobrir alguém de quem não gostaria. Prefiro viver na ignorância, na ilusão e na esperança de ser, simplesmente, um Palco.

LICÍNIA GIRÃO

É jornalista, jurista, mestre em Jornalismo e Comunicação, licenciada em Direito, pós-graduada em Direito da Comunicação. É autora do livro *A Liberdade de Expressão no Jornalismo e na Comunicação, um Direito a Ofender?*; do livro de poemas *Porque te AMO muito!*; da história de vida *Mário Silva, pintor-minotauro numa espécie de biografia*; do livro infantil *Beatriz viaja pelo fantástico reino de Mário Silva*; do *Roteiro Turístico de Oliveira do Hospital*; dos textos dos seguintes roteiros turísticos: *Rota da Neve*; *Arganil... concelho verde*; *Avô*. Coautora de diversas antologias poéticas e publicações ligadas à escrita criativa, assuntos europeus e de emigração. Menção Honrosa do Júri do Filo-Lisboa 2020 (Categoria Texto Sénior), Prémio Imprensa Regional / 94 (Clube de Jornalistas do Porto), Prémio

³ F. PESSOA, *op. cit.*, p. 87.

⁴ *Ibidem*.

de Literatura e 1º e 2º prémios de Fotografia do concurso promovido pelo Parlamento Europeu em 1990: “Descobre a Tua Terra”.

BIOGRAFIA

Maria Eunice Lacerda

Eu sou Maria! Desde a Pia Batismal, eu sou Maria. Maria criança, quando traz o outrora para o mundo de agora. Pego-me a correr junto a outras Marias e tantos Josés, Joaquins... No esconde-esconde, no dançar ciranda... E, na noite de luar, no terreiro de areia, quantas anedotas, adivinhações, histórias de Trancoso (assombração)... A criançada se arrepiava de medo e buscava colo. E já se sabia a hora de dormir, quando: “Entrou por uma perna de pato, saiu por uma perna de pinto...”

Hoje, as histórias não têm a mesma emoção. Somos os próprios personagens, autores das tragédias que vivemos. Aliás, somos os responsáveis por tudo de bom ou de ruim entre o céu e a terra. Estamos aqui num mundo virtual e de medos. Não dançamos mais ciranda. Até a lua se esconde por entre os arranha-céus. O terreiro de areia branca, palco de lindas memórias, virou asfalto, onde apenas os automóveis cantam os seus pneus. O mundo precisa sorrir. Os braços se abraçarem sem pressa. Os lábios murmurarem uma canção em coral.

Eu sou Maria! Sobrevivente do inimigo invisível (pandemia- covid 19). Testemunha da luta de quem partiu sem direito a um adeus. Na saudade, deixou uma lição de vida: independente da raça, cor, credo... a vida é passageira. “Para que tanto orgulho se o futuro é a morte”?

Aqui, da minha janela, olho além da vidraça. As nuvens pesadas desaguam deixando a tarde chuvosa. Meu olhar também chove as lembranças do correr na chuva e fazer barquinhos de papel que naufragavam com os meus sonhos. A chuva passou, e dali mesmo contemplo o arco-íris belíssimo. Lembranças! Tantas delas vêm e vão, tal qual o vento que me abana a face.

Vejo alguém que passa e me acena. Seu sorriso debaixo de uma máscara úmida. Em seus olhos, as lágrimas e os pingos de chuva se fundem. E, de encontro aos meus, buscam a esperança de que tudo vai ficar bem outra vez. Quero crer no amanhã. Meu coração palpita em tum, tum, tum... pelo próximo. É preciso estender a mão. A solidariedade, o amor, a esperança, a fé... Na vida, tudo passa!

Ouçõ o sino a badalar. É hora da Ave-Maria! Poucos fiéis adentram a pequena capela de São Sebastião. É preciso pedir, e muito mais agradecer. Enquanto há vida, há esperança. Continuo vivendo os medos. São tantos deles... Mas cada um nos traz aprendizado, nova lição de vida. Estamos todos num imenso barco (mundo); e Deus, dele, é o capitão. Se Deus é por nós, quem será contra nós?

Eu sou Maria desde a Pia Batismal até meu último suspiro.

MARIA EUNICE SILVA DE LACERDA

Nasceu (1956) em Brejo Santo - CE. Chegou a Toledo em 1980, onde atuou no Magistério por 25 anos. Aposentada pela Secretaria Municipal da Educação. Escritora multipremiada em concursos literários, tem participação em diversas Antologias Literárias com poemas, contos e pensamentos. Fundadora da cadeira 34 da Academia de Letras de Toledo e Membro do Clube da Poesia de Toledo.

REVELAÇÃO

Maurício Witzak

Um dia, dormi olhando para as estrelas, no céu do meu planeta,
E vi um cometa passando.
Havia um recado misterioso, em sua cauda fumegante.
Eram palavras, sobre o mundo que teríamos, dali para adiante.
Um poema-revelação, sobre como seria meu novo “eu” e meu novo coração,
Imerso em um furacão de mudanças.
Silêncios... Distanciamentos... Danças sem música.
Danças sem par.
O céu se distanciando da terra, deixando no ar,
Um ar de solidão, tomando conta de todo o universo.
O tempo passou.
E agora, cá estou, falando ao cometa poeta e suas palavras doídas,
Como é minha nova e louca sobrevida:
Agora, sempre parece haver um fim, dentro de cada início.
Meu novo vício é me acostumar com a não-normalidade,
Porque o normal agora, é o não-momento.
O isolamento é o pai do confinamento.
Um Isolador de momentos.
O confinamento é o pai da paralisia.
Um paralisador, que anestesia meus movimentos.
Diante de tanto desalento, o meu pensamento está deveras lento e confuso.
No meu “con fusos” horário, hoje, sempre parece ser ontem,
E ontem, sempre parece ser amanhã.
Como ameixa, mas é uma maçã.
Pela manhã, meu tempo parece ser regido por um relógio lunar.
Para deixar o sol entrar, fecho a cortina.
Varro a casa, com o cabo da vassoura.
Uso a tesoura, para brincar de ser borboleta e saio voando pela janela.
Acordo e ao invés daquela espreguiçada, me encolho.
Sempre escolho um chinelo de cada cor,
E uma meia inteira e outra meia, meio cortada.
Não tem mais cama arrumada.
Toda a lógica reinventada.

Cama arrumada para dormir e bem bagunçada durante o dia.
No banheiro, finjo ligar a pia e lavo o rosto com o vento.
Ao invés de tomar banho curto com água, tomo sem água e bem lento.
Inverto o sistema do aspirador, e dele sai tanta poeira pela casa, que dá dó!
Passo café sem pó.
Vou para a varanda, com muitas pessoas no pensamento, mas estou só.
Na xícara vazia, tomo um chá de ar.
Assisto aos noticiários, sem ligar a televisão.
Entorto todos os quadros das paredes, do teto e do chão,
Para vê-los entrando na minha louca sintonia.
Sintonizo o rádio, com o radinho sem pilhas.
Coloco roupa nova, sapato lustrado e vou até a porta, mesmo sabendo que não vou sair.
Choro de tanto rir, por não ter do que rir.
Rio de tanto chorar, vendo no espelho, como ficamos feios quando choramos.
Fico achando estranho, achar estranho, esse íntimo lugar, onde moramos.
Brinco de ser náufrago, nadando no chão e sinto as ondas afogarem meu pranto.
Em cada canto, canto em silêncio,
Para que o tempo passe como trem-bala, e não como carroça devagar.
Que todos nós possamos desembrulhar esse inusitado presente.
E ao tirarmos a fita e o papel que o reveste,
Percebamos, felizes, que o presente é aprender sobre a real liberdade.
Uma nova chance para nossa alma, corpo, espírito e mente.
Uma nova realidade!
A revelação do cometa, é que precisávamos sentir muita saudade!
A revelação, de que a vida já é suficiente, quando podemos vivê-la plenamente.
A revelação, de que a vida já é suficiente,
Quando podemos renascer e tê-la de volta simplesmente!
Finalmente, a grande revelação de que, se você tiver que cometer acertos...
Cometa!!

MAURÍCIO WITCZAK

É Bacharel e Licenciado em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, da Fundação Brasileira de Teatro, Brasília-DF. Em 2019, completou 25 anos de carreira, como arte-educador e artista, em Brasília. É Professor de Artes Cênicas, ator profissional, poeta, dramaturgo, roteirista, produtor cultural e jornalista. Há 16 anos trabalha dentro da rede pública de ensino como jornalista, repórter, roteirista, apresentador e diretor de programas de televisão educativa e

documentários pedagógicos. Tem quatro livros publicados: *Janelas* (Poesia) 1996, *Comédias, dramas e absurdos do amor - Em 6 peças teatrais* (Dramaturgia) 2011, *É tudo o que trago nos bolsos* (Poesia) 2016 e *Simplesmente Lilia* (Prosa e poesia) 2020. Como poeta, ganhou diversos prêmios e participou de dezenas de antologias literárias. Em 2006, com o poema “*Eu terra*”, venceu o concurso de poesia “Carlos Drummond de Andrade”, promovido pelo Sesc-Brasília/DF. Escreveu 30 peças teatrais, a maioria já encenada. Em novembro de 2013, participou do ciclo de leituras dramáticas da Casa da Gávea do Rio de Janeiro com o seu texto teatral *Estação felicidade*, sob a direção de Rose Abdallah. Em agosto de 2014, participou do ciclo de leituras dramáticas da Casa da Gávea do Rio de Janeiro, com o seu texto teatral *O fim do meu mundo*, sob a direção de Rose Abdallah. Em 2018/2019, seu texto teatral *Filho do pai* foi levado aos palcos Cariocas, com Antônio Pitanga e Nando Cunha no elenco e Clarissa Kahane na Direção, tendo grande êxito de público e crítica. A TV Brasil fez registro audiovisual da peça, para exibição no seu programa “Curta temporada”. (2020). Atualmente seu texto teatral *Amores Glaciais*, com Direção de Franciely Comunello, Gil Teles e Jussara Moreira no elenco, está em turnê pelo Brasil. Em 2018, com o poema “*O salto*”, ficou em 5º lugar, no concurso “30ª Noite Nacional da poesia, realizado pela Setur-UBE/MS”. Em 2019, com o conto “*Maria Agônio*”, recebeu menção honrosa no 54º concurso literário de Paranavaí-PR- (FEMUP). Atualmente, desenvolve o projeto “*Palavras nas nuvens*”, onde artistas do Brasil todo gravam poemas de Maurício Witzak. Já foram gravados aproximadamente 200 vídeos, em formato declamatório, cinematográfico e musical.

QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO? UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA ECONÔMICA

Stefanny Rodrigues de Moura Pereira

Introdução

Quando o Covid-19 surgiu na China, na província de Wuhan, todos ficaram alarmados com a situação, porém ninguém imaginava que iria se tornar na pandemia que estamos vivendo atualmente. Isso é efeito do mundo globalizado em que vivemos, no qual tudo se espalha em grande velocidade, sendo difícil impedir que uma doença como aquela ficasse isolada em apenas um país.

Ninguém estava esperando que essa situação perdurasse por tanto tempo, a economia com certeza não estava preparada para uma recessão em escala mundial como ocorreu com esta pandemia. E ainda a preocupação dos empresários, de como manter as pessoas trabalhando se diversos setores foram fechados por conta do isolamento social. Como se adaptar ao trabalho remoto e às novas tecnologias presentes no mercado; nem todos estavam preparados para as inovações que a pandemia gerou.

Foi um ano repleto de surpresas, onde a maioria das pessoas tiveram que se reinventar para sobreviver. Adequar-se ao novo normal da sociedade, onde o distanciamento social foi implantado, medidas de segurança e higiene foram utilizadas como nunca, numa tentativa de manter as pessoas seguras e ao mesmo tempo longe umas das outras e evitar a propagação do vírus. É o início de uma nova era na sociedade.

O Início De Tudo

Tenho a certeza de que todos planejamos algo para o ano de 2020, porém nem nos nossos sonhos mais loucos poderíamos imaginar que estaríamos a enfrentar um ano com tantos acontecimentos, sendo o pior deles a pandemia do Covid-19. Este ano proporcionou muitos ensinamentos, de que podemos ser felizes com pouco e assim passar a enxergar o mundo de uma nova forma e redefinir as nossas prioridades.

A economia mundial se encontrava em uma fase delicada no ano de 2019. Apesar de ser considerado um bom ano, como retrata o autor Stelter¹, o mundo celebrava a ascensão econômica mais prolongada da história do pós-guerra e o fim da crise financeira e do euro.

¹ DANIEL STELTER, *Coronomics: depois do choque do coronavírus um novo começo a partir da crise*. Lisboa, Presença, 2020, p. 166.

Porém, o que parecia ser o início de uma recuperação financeira revelou que nem o mercado financeiro ou o econômico se encontravam em boa saúde. A verdade é que o mercado estava dando indícios de melhora, mas não tanto quanto o esperado, desta forma sendo duramente atingido com recessão econômica provocada pela pandemia.

O Impacto Nas Relações De Trabalho

As empresas foram duramente atingidas nesse período, tendo que tomar difíceis decisões para não chegar à falência. Neste contexto, acabou sendo feita uma espécie de “seleção natural” do mercado, onde somente as empresas mais fortes sobreviveram e as mais fracas acabaram por falir. Reinventar foi a palavra-chave para poder prosperar diante da crise; investir em marketing digital, adaptar-se às necessidades dos clientes e procurar diversificar e inovar os seus produtos foram algumas das medidas tomadas para superar a baixa econômica no mercado.

Para além disso, as relações de emprego também foram afetadas. Passou a existir uma maior disparidade em relação aos empregos exercidos por pessoas com uma maior taxa de escolaridade e os “subempregos” das pessoas menos afortunadas e com um nível de escolaridade reduzido. A estrutura de *home-office* foi a escolha de muitos empregadores, numa forma de continuar o trabalho sem a necessidade de se deslocar ao escritório. Porém, nem todas as atividades podem ser feitas à distância, gerando assim uma desigualdade em relação ao nível de exposição ao vírus por determinações do trabalho.

Em Portugal, de acordo com as pesquisas demonstradas no relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT)² ao analisar a situação do covid-19 no País, é demonstrado que há uma vulnerabilidade de alguns grupos de trabalhadores, dos quais os jovens são os mais afetados devido ao fato de a grande maioria dos seus empregos serem por contratos temporários. Os principais setores atingidos são os da hotelaria, restauração e serviços administrativos e de apoio. Todos os setores foram impactados de alguma maneira, porém alguns mais do que outros, pois suas receitas diminuíram drasticamente, tais como turismo, alojamento e desporto. As pesquisas revelam que aqueles que foram mais atingidos foram os jovens com menos de 25 anos e aqueles que são menos alfabetizados, demonstrando mais uma vez a desigualdade dos empregos em relação ao nível cultural.

Neste cenário de trabalho, as mulheres sofrem ainda mais. De acordo com os estudos feitos pelo OIT, as pesquisas revelam que as mulheres estão sobrerrepresentadas nas atividades que exigem cuidado e proximidade, representando 90,3 por cento dos trabalhadores em

² ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO; RICARDO PAES MAMEDE (Coord.), *Portugal: Uma análise rápida do impacto do COVID-19 na economia e no mercado de trabalho*. 2020, consultado a 28.10.2020 em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_754606.pdf>.

atividade social e 78,8 por cento de trabalhadores na área de saúde humana, sendo desta forma bastante expostas ao vírus. Além disso, elas estão sujeitas a uma dupla jornada de trabalho, tendo em vista que além de possuírem seus empregos, muitas, ao chegar em casa, ainda se deparam com os cuidados do lar, de cuidar do marido e dos filhos, além de eventualmente serem responsáveis pelo cuidado dos familiares mais velhos que se encontram no grupo de risco da doença.

Não é fácil ser empresário numa hora como essas, mas é ainda pior ser empregado diante de tanta incerteza no mercado de trabalho. Mesmo com o regime de *home-office*, é possível identificar que os trabalhadores acabam por vezes trabalhando ainda mais do que se fosse no regime normal de trabalho. Sem contar, é claro, as distrações que possuem em casa, como a família, que também merece atenção. E não só isso, nem todos estavam adaptados às novas tecnologias e tiveram que rapidamente se adequar a essa estrutura de emprego, o que não é tarefa fácil e afeta ainda mais os mais velhos.

As dívidas não querem saber de crise econômica, elas chegam independentemente disso. Por isso é que há grande necessidade em manter os empregos, mesmo que tenha de haver uma redução na jornada de trabalho ou salários, pois é melhor ter a garantia de algo certo todo o mês do que a incerteza do desemprego. E é quando a situação de desemprego chega que o Estado deve atuar, através de medidas sociais para o pagamento de auxílios capazes de garantir as necessidades básicas daqueles que são mais necessitados.

O Impacto Gerado Pelo Vírus Na Economia

Sob a perspectiva econômica, de acordo com a análise de Fisher (1933)³, é sempre economicamente possível parar ou prevenir uma grande depressão simplesmente aumentando o nível dos preços ao nível médio em que as dívidas foram contraídas e assim mantendo uma cadeia de devedores e credores existentes, permanecendo assim o regime inalterado. Desta forma, é possível de maneira menos drástica retomar ao mercado, sendo melhor do que deixar que haja falências das empresas pela falta de investimento e recessão do mercado.

A maneira como o vírus afeta a economia pode ser caracterizada como choque exógeno de oferta no qual o volume de bens e serviços pode provocar mudanças significativas, como por exemplo, o fato das fábricas na China fecharem, provocando assim um grande impacto nas cadeias de fornecimento, gerando uma parada na produção que impacta a todos. Este tipo de choque é negativo, pois gera um impacto negativo na cadeia de produção. Que poderia ser resolvido de uma maneira mais branda se, ao invés de fechar, houvesse uma redução na jornada de trabalho como forma de diminuir a demanda, mas ainda assim continuar a produzir.

³ FISHER IRVING, “The Debt Deflation Theory of Great Depressions”, *Econometrica*, v.1, n.4, 1933, pp. 337-357.

Sem dúvida alguma que este vírus não é algo pelo qual a sociedade estava esperando, algo que literalmente fez o mundo inteiro ficar em alerta e fechar suas portas numa tentativa de se proteger e conter a pandemia. Na luta contra esse inimigo invisível a palavra de ordem foi: isolamento. O isolamento social foi uma das armas encontradas para evitar a propagação do vírus, porém é difícil a sociedade ficar trancada em casa a espera de uma vacina. Aos poucos, a vida foi voltando ao normal, mas com todos os cuidados necessários e sendo adotadas medidas de segurança capazes de proteger a população de uma nova onda de contaminação.

É evidente que tivemos que aprender a lidar com um novo normal, onde há distanciamento social, máscaras e muito álcool em gel. A economia não aguentaria um longo período de recesso e fechamento de tudo, então por isso é que à medida que a situação foi sendo controlada e os casos diminuindo foi possível dar espaço à abertura do mercado e à volta das atividades sociais. Agora que os casos voltam a aumentar surge a preocupação do governo de tentar controlar novas ondas de contágio, porém o ideal seria a descoberta de uma vacina para que pudesse acabar de uma vez por todas esse medo que paira em nossas cabeças desta ameaça um tanto ou quanto mortal.

Conclusão

Diante do exposto, é possível identificar que a situação que estamos vivendo é delicada. O mundo inteiro parou por conta desta doença, houve tantas mortes quanto em uma guerra. Esta sem dúvida é a luta contra um inimigo invisível, que pode atacar a qualquer momento e nos pegar despreparados. Por mais cuidado que possamos ter, uma vez que se sai de casa estamos sujeitos a encontrar alguém que tenha o vírus e assim ele nos infecta e se espalha para outras pessoas.

A economia sofreu um grande impacto, tendo em vista que não estava saudável antes e piorou com o advento da crise. Este período de recessão vai perdurar ainda por um tempo, mesmo tendo o mercado aos poucos voltado a um novo normal, cercado de cuidados e medidas de segurança para conter o temido vírus. Porém, acredito que a sociedade só vá de fato descansar quando a cura para tudo isso chegar.

Vejo um mundo de incertezas financeiras, que aos poucos começa a progredir. Afinal somos forçados a seguir em frente e nos adaptar desde o início dos tempos, não é afinal a primeira pandemia que enfrentamos no mundo, mas sem dúvida alguma que esses dias entraram para a história. Uma das lições que podemos tirar dessa pandemia é o quanto as coisas simples importam, o quanto sentimos saudade do toque e da companhia de alguém e que a maior riqueza que podemos possuir é a nossa saúde.

STEFANNY RODRIGUES DE MOURA PEREIRA

É licenciada em Direito pela Universidade de Fortaleza no Brasil. Atualmente é mestranda em Direito Internacional e Europeu na Universidade Nova de Lisboa.

TEXTO JUVENIL

QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO?

Alessandra Moresco Marques

O mundo parou. Todos saem vestindo a sua melhor proteção sobre os rostos. Os olhos multicolores trazem o medo como um velho amigo e a angústia como um familiar. Pela terra se espalha instabilidade. As ruas ressoam o vazio que era guardado apenas pela madrugada fria de junho, janelas se abrem para vigiar o mundo, cabeças viram com desconfiança daqueles que nunca saem debaixo do manto da Morte. Ela paira por prédios cimentados, com suas cruzes apontando para um céu azul, derrama suas lágrimas em corpos. O inimigo é invisível, dizem eles. Pés desviam na calçada, os olhos brilham por serem cegos aos fatos. Sussurros debaixo dos narizes expostos, sugando a verdade para os pulmões corrompidos. O acessório preferido de meses, mãos ressecadas pelos dias alcoólicos. As pernas trancadas por muito tempo, elas querem ir a qualquer lugar, trazer de volta a sensação de direção. Conversar sob a luz opaca de uma cidade morta. Decorar minha fala no seu corpo. Enxergar o nascimento de uma flor e acreditar na beleza da vida novamente, sentar na terra e demarcar meu amor com pedras. Hoje abri minha janela, deixei o sol esquentar minha face até doer, rasguei um filete de pele e estendi sob os pés da Morte. Eu sou humana. Sou desumana. Minha mente evolui, mas também regressa aquele estado de inércia vergonhosa. Acredito no poder das palavras, então deixo minha armas no peito. Eu morro com milhões a cada dia, minhas unhas são sujas com terra negra. Sinto a dor consumindo esse planeta água. Minha sede secou a boca de crianças e adolescentes. Minha fome rompeu os peitos dos velhos. Virei aquela flor. Tudo que vejo são bípedes caminhando no espaço, perdidos sem oxigênio, levitando como o Tempo. Nunca encontram a porta. Tento mandar uma mensagem de fogo. Não importa se o mundo parou. Todos saem vestindo a sua melhor proteção. Acenam do céu intocável que forma sobre as cabeças, os relâmpagos de ódio destroem os circuitos do corpo de cada unidade respirando abaixo deles. Apenas um efeito colateral. Não somos todos?

Uma voz me fez uma pergunta que não conseguia achar a resposta. Passei dias pensando e pensando quem sou eu neste novo mundo, mas tudo o que encontrava era um vazio. Poderia dizer que sou alguém que segue os procedimentos de saúde, presa pela vida alheia e adverte aqueles que não o fazem? Poderia dizer que continuo a mesma guria do sul do país vivendo a sua vida entediada escrevendo para ninguém ler, mas que está aterrorizada em ler as notícias diárias ou fica pensando constantemente no que há no ar ao entrar em um ônibus? Poderia dizer que mudei com todos, passei da fase de choque e entrei na fase de aceitação, é assim que nosso mundo se encontra: doente. Quem eu sou? Só mais uma potencial estatística no futuro ou uma sobrevivente do ano de 2020? Se quiser me deixar muda por dias é só me

fazer essa pergunta que meu cérebro dá possíveis respostas, porém meu coração não acredita em nenhuma delas. Não sei o que responder a não ser escrever cada pensamento desconexo que passa em minha mente quando penso no assunto pandemia. Mesmo sabendo que minhas palavras não chegarão a todos os ouvidos e olhos. Mesmo usando da palavra minha proteção, ainda olho para a rua de minha janela com olhos cansados, um cansaço de enxergar outros olhos, esses que retribuem o olhar. Eu sou alguém desconhecida, assim como todos as pessoas por trás dos números que aparecem na TV. Eu sou alguém que não para de pensar quando todo o sofrimento vai acabar. Eu sou alguém que se distrai para não ser destruída por informações carregando desprezo e ignorância. Eu sou alguém que sobrevive sem viver. Nesse novo-velho mundo eu sou só mais um.

ALESSANDRA MORESCO MARQUES

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, em 2001. Participou das antologias literárias *Desvende-me e Esse seu jeito doce com que tu me acaricias* da Editora Jogo de Palavras, *Leia-me às 03h:03min* organizado pelo blog Covil da Discórdia. Você pode encontrá-la em seu blog literário chamado Infecções Lacônicas o qual mescla fotografia com a escrita.

FINADOS

Jair Marinho da Silva Filho

O sol nasce pra todos.

Ele acorda, sua boca articula um bocejo cansado e sem perspectivas, iluminado pelo resplandecer do dia que escorre pelas frestas da janela. Ela acorda, sua boca articula uma tosse seca e sem perspectivas, iluminada pelo fraquejar da luz que escorre pelos filamentos da lâmpada. O calor é insuportável, em vão, Ele desliza os dedos sobre a testa úmida e esfrega os olhos secos. O frio é insuportável, em vão, Ela desliza os dedos sobre a testa seca e esfrega os olhos úmidos. Ele senta-se à mesa, queixando-se do cardápio de uma só página. Ela encosta-se ao leito, conformando-se com o receituário de uma só linha.

Ele liga o computador, são oito horas da manhã, começa mais uma aula à distância. Digita “bom dia” a um ou outro colega, não gosta de todos. Acionando o viva-voz, pragueja que tudo vai mal e volta a repousar na cama. Ao ouvir o professor falar algo importante, retorna sua atenção:

- Presente.

- Faltou?

Ele repara que não ativou o microfone:

- Presente!

O professor encerra a aula, Ele tem dúvidas sobre aquela matéria desconhecida.

Ela vê pessoas ligando computadores, são oito horas da manhã, começa mais um plantão. Dá um “bom dia” a todos os homens de branco, não desgosta de nenhum. Acionando a morta voz, sussurra que tudo vai bem e volta a repousar na cama. Ao ouvir o médico falar algo importante, retorna sua atenção:

- Trinta e três.

- ...

Ela repara que não forçou a garganta:

- Trinta e três!

O médico encerra o exame, Ela tem dúvidas sobre aquela matéria desconhecida.

...

No lar, Ele recebe os amigos mais próximos, chegou o dia do seu aniversário. Os vi-

sitantes felicitam os anfitriões. Alguns trazem, embrulhados, presentes lindos e coloridos. Todos comem e bebem em comemoração a mais um ano de vida. É hora da cerimônia, os amigos se reúnem em volta do aniversariante e começam a cantar a alegre canção. Os convidados pedem o desejo. A vela é apagada. O irmão se belisca, mas não acorda do sonho. O pai vê nos olhos abertos do filho um futuro brilhante. O primeiro pedaço do bolo vai para a sua mãe, que não é capaz de controlar o choro de contentamento.

No hospital, Ela recebe os parentes mais próximos, chegou o dia da sua alta. Os visitantes consolam-se uns aos outros. Alguns trazem, embrulhadas, flores brancas e murchas. Todos choram e soluçam em luto ao seu último dia de vida. É hora da cerimônia, os parentes se reúnem em volta do cadáver e começam a cantar o silencioso hino. Os convidados perdem os desejos. A vela é acendida. O irmão se perfura, mas não acorda do pesadelo. O pai vê nos olhos fechados da filha um passado cinzento. A última despedida do corpo vai para a sua mãe, que não é capaz de controlar o pranto de tristeza.

Quem são eles neste novo mundo?

Ele é um garoto que será lembrado no dia 18 de agosto. Ela é uma lembrança que nunca será esquecida no dia 2 de novembro.

JAIR MARINHO DA SILVA FILHO

Tem 19 anos (2001), brasileiro, natural de Sobral - CE. Atualmente, é estudante de Medicina na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Contista, cronista e romancista, publica sob pseudônimo.

A PANDEMIA E A PASSIVIDADE APOCALÍPTICA

Bárbara N. Leidens

Vespas assassinas, erupções vulcânicas e queimadas florestais avassaladoras: foram vários os acontecimentos neste ano que, aliados ao fato de vivenciarmos uma pandemia, compuseram, no imaginário popular, um cenário apocalíptico. No entanto, muito além de representarem apenas o fim do mundo, as noções de apocalipse que fazem parte da cultura humana refletem características importantes da nossa sociedade e de como percebemos o coletivo humano, demonstrando a nossa noção de passividade em relação aos nossos arredores, além da falta de compreensão do nosso real impacto no planeta — e, principalmente, do importante papel que possuímos como cidadãos e agentes transformadores. Longe de ser o fim dos tempos, a pandemia do novo coronavírus transformou diversas esferas da vida humana, e pode levar a uma resignificação dos cenários apocalípticos, além de possibilitar uma compreensão coletiva sobre o papel social de cada indivíduo e abandono da noção de impotência perante o mundo.

Tanto na literatura de ficção científica quanto no imaginário popular, a extinção da humanidade é, na maioria das vezes, passiva: meteoros, invasões alienígenas, infestações zumbi e pragas incuráveis; uma destruição iminente, implacável e inevitável. Possuímos uma aceitação reprimida pelo fim dos tempos, mesmo que aliada ao medo. Isso se deve à sensação de conforto que a inocência pode transmitir, pois ser apenas uma vítima de acontecimentos caóticos, os quais não podemos controlar, é bem mais tolerável que a percepção de ser o causador do próprio fim — ou então, de possuir a responsabilidade de agir visando o bem coletivo. Assim, por mais desastrosos e dolorosos que os apocalipses possam ser, a ideia de não ser o causador da própria destruição e não ser responsável, como indivíduo, pela solução dos problemas da espécie, é importante no imaginário humano. A aceitação involuntária que temos pelo fim dos tempos não representa um anseio real por um fim, mas sim a nossa noção, tanto coletiva quanto individual, de impotência em relação à natureza e à sociedade.

Além disso, a apreciação silenciosa aos apocalipses também representa uma descrença no coletivo humano. Conter um apocalipse e salvar o nosso planeta exigiria esforços imensuráveis e cooperação internacional. No entanto, como já percebemos em outras crises humanas e na crise atual, depender da ação coletiva para sobreviver pode ser assustador. A dependência de um esforço coletivo para conter um desastre em potencial é muito mais assustadora do que o fim inevitável que um meteoro assassino em curso representa. Achamos definitivamente mais reconfortante morrer atacados por um zumbi sedento do que vítima da inanição de um coletivo egoísta. Isso demonstra como a incapacidade do outro de agir e contribuir nos

lembra incessantemente das nossas fraquezas como sociedade, e como podemos ser presas fáceis para o fim definitivo. Desta forma, percebe-se que há um contraste deprimente entre a necessidade de um apocalipse e a percepção da necessidade de mudança.

Apesar de sermos silenciosos admiradores de ideais apocalípticos, a nossa dificuldade em contornar os problemas que ameaçam a nossa espécie mostra que não estamos preparados para lidar com o futuro que criamos. Temos dificuldade, como sociedade, de compreender a influência que temos no mundo e relacionar as nossas ações individuais com as consequências que nos impactam. Não conectamos a crise política e a polarização superficial, problemas importantes na atualidade, com as nossas próprias atitudes como cidadãos e das instituições que criamos, assim como temos dificuldade em entender como as catástrofes ambientais estão se tornando cada vez mais comuns e intensas após todo o desequilíbrio que geramos e irresponsabilidade que tivemos perante o que consumimos. Nesse sentido, assim como nos apocalipses, a ideia de passividade coletiva se mantém, pois nos posicionamos como meras vítimas de crises, e não como os responsáveis por elas — ou então simplesmente aceitamos as consequências de forma passiva, não nos colocando como indivíduos capazes de alterar o curso das coisas. No entanto, a pandemia do coronavírus pode ter um impacto significativo na nossa consciência cidadã, alterando a forma como cada indivíduo se coloca frente à sociedade e às coisas que ele julgava não poder controlar.

Quando o Sars-CoV-2 começou a se propagar pelo mundo e as primeiras medidas de contenção foram se mostrando necessárias, cuidados foram tomados para que a situação não fosse retratada de maneira apocalíptica. As mudanças drásticas necessárias na vida social geraram uma sensação de desconforto, e até pavor, na população. No entanto, a partir do momento em que foi elucidado o papel essencial das ações individuais na contenção do vírus, a sensação de impotência começou a enfraquecer. O fato de termos maneiras práticas de impedir um desastre, tal como o uso de máscaras e a prática de isolamento social, nos fez compreender a situação e o nosso importante papel neste cenário. Cada indivíduo, sem distinções, tinha o poder de salvar vidas, e simples atitudes poderiam amenizar drasticamente os impactos do vírus na nossa sociedade.

Dessa forma, a noção de “fim dos tempos” não pôde ser totalmente aplicada à pandemia, pois cada indivíduo possuía formas práticas de contenção e prevenção, ficando livre da noção deprimente de impotência, característica marcante dos apocalipses. Diferente de um meteoro se aproximando da Terra e representando a destruição iminente, o novo coronavírus, mesmo sendo uma ameaça perigosa, poderia ter os seus impactos diminuídos através de uma simples mudança de hábitos. Desta forma, como cada indivíduo possuía responsabilidade perante o coletivo e a capacidade de impactar vidas, acabamos abandonando a noção de passividade em relação aos acontecimentos e assumindo uma atitude individual consciente. Muito mais do que simplesmente usar uma máscara, precisávamos revolucionar a nossa no-

ção coletiva do que é ser um agente impactante na sociedade.

Mesmo após o distanciamento social e o uso de máscaras não serem mais necessários, o simbolismo dessas atitudes ficará para sempre no subconsciente popular, despertando em cada indivíduo impactado pela pandemia a percepção da importância de gestos individuais para o bem coletivo. Este abandono da ideia instintiva de impotência será extremamente necessário na contenção e solução de outras crises da humanidade, sejam elas antecedentes à pandemia, e intensificadas por ela, ou frutos da mesma. Cada um de nós teve a oportunidade de refletir sobre o real impacto que temos no mundo. Se com o simples uso de uma máscara, quando feito em escala coletiva, podemos atenuar uma crise, que impacto posso eu ter, como indivíduo, na resolução de outras crises? Que impacto as minhas ações podem ter na contenção das mudanças climáticas, sabendo que em uma pandemia tenho a capacidade de salvar vidas humanas e contribuir com a resolução de uma crise? Por que temer apocalipses quando os principais problemas que assolam a humanidade não são possíveis catástrofes globais repentinas, mas sim crises que podem ser contidas e amenizadas através da consciência do meu próprio impacto como cidadão e de atitudes coletivas?

As medidas coletivas necessárias para conter o avanço do vírus serviram para conscientizar os cidadãos, mesmo que indiretamente, sobre o seu papel cívico, permitindo um amadurecimento da nossa compreensão coletiva do conceito de cidadania — e possibilitando, portanto, um abandono da noção apocalíptica de passividade. Podemos continuar adorando apocalipses como forma de entretenimento. No entanto, temos a oportunidade — e o incentivo — de abandonar os ideais de sujeito passivo e de coletivo irresponsável que o fim dos tempos nos transmite. Não precisamos ser uma espécie apocalíptica, e podemos, no mundo pós-pandemia, usar tudo o que aprendemos sobre compaixão e papel ativo de cidadão para nos posicionar como uma sociedade não suscetível à autodestruição. Após o fim do velho mundo, vejo-me, mesmo sendo apenas mais um indivíduo, como uma peça essencial na construção do futuro da nossa existência. Nesse novo mundo, sou aquele que odeia o apocalipse e sua simplicidade e passividade ingênuas, e admira a capacidade humana de mudança.

BÁRBARA NITSCHE LEIDENS

Contista e poetisa, tem 18 anos e é brasileira, nascida no Rio Grande do Sul. Em 2019 foi Deputada Jovem pelo Parlamento Jovem Brasileiro, representando o seu Estado no Congresso Nacional.

O CANARINHO

Fernando Trevisolli de Britto

Pensei muito antes de escrever este texto, pois, na realidade, não sei ao certo quem eu sou, principalmente nesse “novo mundo”.

À medida que fui refletindo, sozinho, durante esse período, tornei-me, deixei de ser e notei que fui diversas pessoas. Vivo como todos, amo como todos, sou controlado e abandonado pelo sistema como todos, pois para eles não sou ninguém, para eles sou apenas um número dentre milhares de outros, assim como a idosa da rua de trás - ela vendia artesanatos para sustentar a filha com deficiência mental, acho que ela nunca teve a oportunidade de sair da cidade, era analfabeta, só sabia escrever o nome, pobre senhora, mas mulheres como essa são comuns por aqui - que foi morta pelo vírus enquanto esperava por um respirador na fila do hospital.

Entretanto, existem algumas coisas nas quais eu tenho certeza sobre mim, ou pelo menos finjo acreditar para ter uma vida mais leve. Sou um rapaz latino-americano que busca um lugar em um mundo controlado por aqueles que o repugnam, tentando transformar, aos poucos, a solidão em solitude, o comodismo em atitude e, finalmente, o rancor em perdão, este para aqueles que fazem o mal ou lhe são indiferentes.

Chove lá fora, as árvores e as flores foram molhadas, talvez o verde se mostre amanhã de manhã e o fogo que assola as florestas terá cessado para que, assim, se torne mais fácil para os que ali habitam conseguirem encontrar suas próprias filosofias e talvez a vida deles se torne mais vivida e justa, porque saberiam dos seus direitos.

Contando que existem 200 milhões de pessoas no meu país e, dentre essas, 58 milhões vivem abaixo da linha de pobreza, tenha a certeza que esses são os que mais sofrem pela falta de oportunidade. Caro leitor, compreenda, seja você europeu ou não, a genialidade é assassinada em terras tupiniquins, por aqui, a alma morre antes do corpo, ainda que o corpo não tarde a morrer depois que as mãos não podem mais servir.

Constata-se perante a lógica que o COVID-19 é um dentre os simultâneos e quase infinitos desafios que o Brasil e todos os países de Terceiro Mundo estão enfrentando. Nossos governantes abrem as lojas, as badaladas baladas das cidades, abrem, também, as praias para o turismo, sim, nenhum deles se importa, não verdadeiramente. Os possuidores do poder vendem seus corpos e suas almas para o gavião listrado de azul e vermelho, o brilho de suas estrelinhas brancas e reluzentes como ouro os atrai mais que os gritos de dor provenientes do povo. Alguns de nós são silenciosos, pois sabem que se gritassem só gastariam saliva,

porque, por essas bandas, a voz do povo não é a voz de Deus.

Apesar disso, tento continuar lutando, provavelmente minha juventude e minha falta de experiência no jogo da vida me dá a sensação de que conseguirei mudar o mundo, mas no fundo minha maturidade sussurra que não é tão simples assim. Ando entre a doce infância e a salgada vida adulta, vou de extremos dentre elas, não consigo me equilibrar, minha boca se confunde com os sabores, às vezes um é identificado, de vez em nunca outro, assim eu vou indo, jogado de um lado para o outro nesse restaurante da vida, sem saber qual prato é mais adequado para a ocasião.

Na sacada, depois da chuva, um canarinho canta, com suas penas amarelas e sua voz de sobrevivente; pergunto-me se ele sabe quem é, porém, é claro que ele não sabe, pois o saber é apenas uma ilusão criada pelos homens. Possuímos a necessidade de definir coisas, pessoas, animais, ao dizer um nome já definimos muitas coisas de uma vez, porém qual a origem dessa nossa carência? A resposta é simples, basta olharmos para fora da janela do mundo para conseguirmos a resposta.

À medida que olhamos para fora da janela que nos dá vista para a vastidão e esplendor do universo, conseguimos observar que somos pequenos. Essa certeza veio até mim durante esse período de isolamento. Confesso que no começo ela me abateu como uma onda forte, contudo, após um tempo, me veio o alívio de saber que não preciso saber de nada, definir nada, julgar nada, porque tudo aquilo que suponho não é real, somente uma convicção criada pela mente. Concebemos nomes, damos funções, separamos por dinheiro, entretanto, no fim, isso esconde o maior ponto fraco da humanidade.

Esse é o saber incerto que tudo um dia desaparecerá, a certeza oculta que nada nos pertence e, principalmente, que em algum instante o universo irá fechar sobre todos nós a sua boca - sem distinguir dinheiro, raça ou religião - e cairemos no esquecimento eterno, sem identidade e nem mesmo, história, pois finalmente terá tido um fim. Isso me conforta, visto que, agora, sei que todos, no íntimo, somos semelhantes como grãos de areia em uma vasta praia.

Ainda que sejamos quase nada em comparação com o todo, somos vários durante nossa vida. É impossível ser o mesmo indivíduo para sempre, porque temos fases, mudanças comportamentais, a cada dia nossas células morrem e nascem novamente, somos pessoas distintas no momento em que sorrimos por aqueles que estão ao nosso lado e quando sofremos pelo luto de perder, de forma trágica e negligente, aqueles que amamos. No final de tudo a dor e a experiência nos torna outras pessoas, aprendi isso como luto.

“Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se encontra novamente, não se encontra as mesmas águas e o próprio ser já se modificou... Portanto o real é fruto da mudança, ou seja, do combate entre contrários”; com toda a certeza essa é uma das

frases que mais exprime meus pensamentos, faço das ideias de seu filósofo e criador, Heráclito, semelhantes às minhas. Adentrando, mais especificamente, no tema proposto, eu creio que essa experiência de pandemia fez com que o mundo que conhecíamos desaparecesse e desse espaço para um novo.

Talvez esse novo mundo esteja vindo acompanhado de uma vasta força e sentimento de revolução. Muitos acreditam que pandemias são uns dos eventos que mais alteram o mundo, tenho que concordar. É impossível prever o que ainda está por vir, seja no meu país ou em outro, o futuro é incerto, porém escuto vozes de revolução em todos os cantos, vidas foram deixadas para morrer, a mídia se alterou para se transformar em algo novo e as máscaras daqueles que possuíam a ignorância disfarçada de conhecimento caíram, sim, vivemos em um novo mundo.

Nesse novo planeta, em muitos instantes, sinto que me tornei um alienígena com duas grandes antenas na cabeça alertando para os demais que não sou daqui, uma nave espacial quebrada avisa a minha queda, ela está atrás de mim, busco peças para consertá-la, com muito esforço eu consigo, mas logo depois descobri que meu planeta tinha sido destruído pelo esquecimento e aquele seria o meu novo lar.

Quando as mudanças vêm temos a chance de alterar nossos atos e ações e apesar de eu acreditar que essa mudança seja inevitável, dada a tese desenvolvida neste texto, em algumas melhoramos e em outras decaímos, depende do indivíduo e das suas reações. O fim e as dificuldades são uma grande oportunidade de agradecer pelo que temos no aqui e agora. Normalmente, costumamos reclamar por aquilo que nos falta, todavia, em algumas situações, aprendemos que a verdadeira paz não está em uma casa de três andares ou em um grande cargo na empresa e sim dentro de você.

No entanto, a paz não é eterna, seria uma ilusão acreditar que ela é, pois se fosse não seria o mundo real, existem coisas e pessoas que nos desestabilizam e nesses momentos, apesar de nossas fragilidades, temos que avançar. A paz é um estado de espírito, assim como o caos, e no final, momentos sem ela são importantes, porque se não conhecêssemos a escuridão nunca iríamos conseguir identificar a luz.

A principal diferença entre uma pessoa boa e uma pessoa má não é a falta do erro, mas sim o que elas fazem perante ele. Vergonhoso é aquele que erra e não assume seu erro, pois um erro não te define, no entanto, o que você faz após seus atos maléficis definem a sua índole.

A afirmação de saber que nem todos os dias tomaremos decisões boas e benéficas ao todo me comove e me abraça, dado que libero do meu corpo e do meu espírito a busca exacerbada pela perfeição. Finalmente descubro que essa crença de que precisamos alcançar o ideal não é nada mais que um reflexo da mais pura imperfeição humana.

Existe um trecho de um dos poemas de Florbela Espanca que me define muito, principalmente em períodos de metamorfose e crise, e este é:

“E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que eu saiba me perder... para me encontrar...”

Sou jovem, mas já me perdi muito, experimentei várias faces de mim, já presenciei muitas alvoradas negras como o fim e tenho a certeza que verei muitas outras.

Porém, saber que esse é apenas o início da minha trajetória no tabuleiro da vida me conforta, dado que ainda tenho que descobrir muito dela, das suas amarguras e aconchegos.

No entanto, uma coisa é certa: na minha infinita incerteza sobre tudo, essa crise pandêmica me confirmou mais isso, a vida é dura e árdua em qualquer continente, claro que em alguns mais e em outros menos, porém é boa de se viver em qualquer lugar.

O canarinho continua cantando na janela. Ali, mesmo que por um breve momento, sinto a paz de saber que não é possível compreender completamente quem eu sou, pois isso é irrelevante para o amanhã e indiferente para a vida.

FERNANDO TREVISOLLI DE BRITTO

Reside em Araçatuba, no interior do Estado de São Paulo.

NUVENS ESCURAS

Karen Letícia Ferreira da Silva

Os céus se fecharam numa noite de março, sem sombra de dúvidas, iria chover, as nuvens estavam escurecidas, como jamais foram vistas antes. Mesmo com as nuvens e com o medo do que estava por vir, ainda era possível ver uma parte do azul do céu, o que poderíamos dizer que era um sinal de que tudo iria ficar bem em breve, que era só uma questão de tempo. Desde dezembro, o céu já estava começando a ficar cinzento, mostrando indícios de que essa chuva, ou melhor, tempestade, iria ser diferente das outras e que viria a se espalhar de forma tão veloz para todos os cantos do planeta. Infelizmente, não era só uma “chuvinha”¹, era uma tempestade, que, diferente da chuva de verão, não tinha previsão de ir embora.

Aos poucos, as nuvens cobriram o céu por completo, deixando somente a escuridão para uns e a tristeza para outros. O olhar triste ao ver pela janela a chuva cair estava se tornando cada vez mais frequente, era possível ver o descaso com a vida, a falta de empatia, a falta de humanidade, a dor, o sofrimento, que infelizmente estava longe do fim. Tristemente, a chuva continuava a cair das nuvens escuras e poucos tentavam se proteger.

A saída de casa não era como antes, era preciso se proteger de todas as formas possíveis, o passeio por diversão passou a ser algo distante, “só saia de casa se for essencial, pois a tempestade ainda está muito forte.” O espanto estava presente no ar, enquanto algumas pessoas dançavam na chuva, elas sorriam e diziam com todas as letras que não havia chuva alguma e que era tudo uma invenção, que era mentira, pulavam sobre as poças de água que se juntavam no meio da rua, elas se divertiam, riam, abraçavam-se, esqueciam-se de que aquela chuva era perigosa, elas negavam a realidade.

O tempo perdeu o sentido, o ponteiro do relógio girava e a chuva não parava de cair, os dias passavam, as horas tornavam-se pó que se juntava à terra que era pisoteada pela multidão que se aglomerava.

A solidariedade passou a ser somente uma palavra do vocabulário que havia perdido o sentido, o significado se perdeu com o tempo. O simples ato de doar passou a ser uma negociação que em alguns casos gerou conflitos, mas o que seria a solidariedade?

Um raio de luz conseguia penetrar as nuvens cinzentas, seria a esperança de que tudo iria ficar bem? Não se sabe, mas agora é necessário dar significado à palavra solidariedade,

¹ FOLHA DE SÃO PAULO; GUSTAVO URIBE; JULIA CHAID; RICARDO DELLA COLETA, *Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar*. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus.shtml>.

a tempestade ainda está forte, porém é necessário unir forças para que tudo fique bem em breve. O mundo não é mais o mesmo, porém ainda existe esperança de que vai ficar tudo bem, mas não será como antes. O que podemos fazer diante a isso? Quem podemos ser? As respostas para essas perguntas são inexistentes, a incerteza ainda está presente junto à chuva, deixando a tarefa de pensar no futuro ainda mais difícil.

KAREN LETÍCIA FERREIRA DA SILVA

Nasceu em 2002 na baixada fluminense, no interior do Rio de Janeiro.

QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO?

Rebeca Oliveira Calheiros Pereira

Durante o século XX, a humanidade viveu inúmeras ruturas - sendo elas sociais, políticas e econômicas. Todos esses inúmeros acontecimentos monumentais se refletiram nas gerações que os presenciaram ou que foram afetadas diretamente por suas consequências; todo esse cenário global moldou de forma silenciosa mas brutal nossos avós e nossos pais.

Eis então que muda o século e com ele o contexto mundial. Surge este novo mundo contemporâneo onde a globalização torna-se marca registrada, a revolução tecnológica avançando tão velozmente que se torna até um pouco difícil de acompanhar. A comunicação em massa, a internet e as redes sociais concebem uma inédita realidade digital e conectada - novamente o processo se repete, mas as marcas deste mundo novo se imprimem não só na nova geração mas em toda a humanidade. Uma mudança brusca, que trouxe consigo novidades não só em nossos cotidianos e estilos de vida, mas no que diz respeito a quem devemos nos tornar. Valores, virtudes e ideologias são desconstruídos e substituídos por uma cultura perigosamente relativista enquanto se assiste a uma mecanização da vida, em que tudo se torna uma questão de tempo - e confiamos cegamente que o teremos infinitamente.

Estávamos no meio de uma metamorfose global que apresentaria como produto a transformação da raça humana em máquinas. O nascimento de uma nova era onde a humanidade se torna indestrutível, a juventude se torna o tesouro que todos almejam ter - peças novas e sobressalentes, fortes e capazes de realizar o trabalho sem muitos embaraços; todavia, aqueles que guardam uma sabedoria de valor incalculável, resultado da mais pura experiência da vida, são agora sucata, incapazes de se adaptarem ao ritmo frenético dessa nova orquestra, e são vistos como apenas mais um estorvo no caminho do nosso cotidiano de aço e metal.

Então, subitamente, o silêncio. A noite finalmente chega para a geração que nunca dorme; para mim. Forçados a recuar, como um apagão em uma fábrica, não tendo escapatória, nos espantamos ao darmos conta da nossa própria forma; orgânica, humana. Surge então um inimigo invisível e letal que nos impele a finalmente vencer essa cegueira voluntária e nos arranca os olhos das telas. Estupefatos, nos damos conta de que não somos robôs ou inteligências artificiais; que não podemos construir nossas casas no *Instagram*, ou vivermos dentro do *Feed* do *Facebook*. De modo quase cômico, entramos em colapso porque nos relembramos da nossa efemeridade, a dura realidade de que não somos eternos, que não somos imbatíveis - nosso planeta agonizava, o egoísmo e a soberba de poucos causando a miséria de milhares, e simplesmente achávamos que sairíamos ilesos.

As ruas vazias, o mundo em *pause* num verdadeiro cenário cinematográfico apocalíptico diante de nossos olhos, as estatísticas na televisão com tantos números assombrosos e ainda tentamos negar, não conseguindo aceitar a verdade; “Tão evoluídos! Tão desenvolvidos! Como poderemos nos encontrar em uma situação dessas?”. Estávamos convictos de que éramos os seres mais competentes do universo e que uma pandemia global não passaria de uma mera piada. Negamo-nos a reconhecer aqueles números como pessoas, como histórias.

Até que seja você. Até ao momento em que aqueles dados se transformem em letras; e essas letras se transformam em nomes - nomes que você pronunciou durante toda a sua vida mas se vê impotente ao assistir a seus desfechos - seus últimos traços de dignidade se esvaindo enquanto seus corpos frios são enrolados em plástico, sem despedidas ou reverências - atirados a fossas como vermes - como o próprio vírus, toda uma vida se resumindo apenas ao atestado de óbito - “Causa de morte: Covid-19”.

Enfim me vejo de forma assustadora em meio a esse caos. Mal é terminada a construção de meus pilares, os ensinamentos diligentes de meus pais esculpido em meu caráter, e já me encontro em meio dessa grande tempestade. E se antes o mundo já me apressava a tomar decisões, a saber milimetricamente até onde iam meus valores e o politicamente correto, exigindo que eu fosse culta, letrada e competente, mas deixando claro todas as vezes que uso meu conhecimento de forma prática na sociedade que ainda não sou capaz de falar por mim mesma. Mas máscaras caem quando não temos outra opção a não ser olhar para dentro de nós mesmos.

Não sou um robô, ou uma máquina. Meu coração não é um motor e o que corre em minhas veias não é óleo - mas sangue. Contemplo o simples fato de que para viver eu preciso primeiro sobreviver. Preciso respirar e sentir o ar expandindo meus pulmões, preciso de um ambiente saudável, de uma casa, de um planeta e, sobretudo, preciso de pessoas. Dependo delas e de as ver, de as tocar, de ouvir suas histórias e sentir o calor de suas presenças. Não somos seres autossuficientes - nunca fomos. Vivemos para servir, tendo consciência de que nosso tempo é curto demais para ser gasto apenas com coisas sem um verdadeiro sentido e, justamente quando vamos contra nossa própria natureza, somos atingidos pelas consequências de nossos atos bem a tempo de salvarmos nossa essência.

A fragilidade da nossa existência não é uma fraqueza a ser combatida, mas é justamente aquilo que torna a vida preciosa. Só porque um livro pode ser queimado e se transformar em cinzas, não significa que suas páginas não contenham uma história - e que esta não valha a pena ser lida. A intensidade com que vivemos a nossa vida é o que distingui-nos na humanidade. Procuramos desesperados a redenção, mas nunca a vamos alcançar se prosseguirmos com esse individualismo doentio. Temos mais ferramentas em nossas mãos do que outrora nossos antepassados sonharam ter. Instrumentos que podem ser utilizados para encerrar a desigualdade, a miséria e a violência se decidirmos por fim nos reconhecermos como iguais.

Perguntam-me então quem sou eu nesse novo mundo. Sou a mudança - cansada dessa cultura de descarte e de automação da vida. Sou a solidariedade - farta de cruzar meus braços e abafar minha voz perante as injustiças e crueldades praticadas contra os oprimidos. Sou a fé - convicta de que há ainda bondade mesmo com toda a obscuridade deste tempo difícil. Sou mais uma em meio a milhares que escutam no silêncio um grito ensurdecedor de procura por um propósito - e finalmente o encontro olhando para o próximo.

REBECA OLIVEIRA CALHEIROS PEREIRA

Nasceu no Brasil, na capital, Brasília, Distrito Federal, em 2003. Mora atualmente na cidade de Fátima, no distrito de Santarém, onde cursa o 10º ano na instituição de ensino Colégio De São Miguel.

QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO?

Ana Beatriz Dias da Silva Nunes Torres

Inês Sofia Neto Rosa

Lara Marisa Reis Marto

Laura Cristina Rodrigues dos Santos

Maria Luísa Sofronii

Marta Sofia da Silva Damásio

Sara Filipe Santos Almeida

Violeta Maria Kneib Neves

Quem sou eu neste novo mundo? Uma pergunta retórica que nos faz pensar que papel temos enquanto cidadãos no contexto atual. Cada um tem um papel ativo, apenas tem de o descobrir. A folhagem tem um papel ativo e essencial na planta a que pertence. As folhas de uma planta também têm vindo a adaptar-se às alterações do seu habitat, que ocorrem devido às alterações climáticas, de modo a sobreviverem. O ser humano de uma sociedade também tem vindo a adaptar-se às alterações no seu modo de vida, que ocorrem devido à crise pandémica, de modo a sobreviver. Com o objetivo de uma planta se desenvolver vitoriosamente é necessário que realize fotossíntese. Uma só folha não é capaz de realizar fotossíntese para a planta toda, mas todas as folhas em conjunto são bem-sucedidas nesta tarefa. Todos sabemos como uma sociedade opera. A corrupção e a busca constante dos ambiciosos pelo poder leva a que a base da pirâmide social deva estar “(...) quanto mais longe (...) tanto melhor: trato e familiaridade com eles, Deus vos livre!”¹. A crise pandémica mostrou-nos que estamos perdidos e não estamos preparados para este desafio. Ficamos desprovidos de afetos, deixamos de ver parte da face das pessoas devido à máscara e por isso passamos a ter de ler emoções apenas nos olhos. Como é que vamos ultrapassar esta barreira que construímos quase sem nos apercebermos entre nós e os outros e que cicatrizes é que carregaremos por a termos mandado abaixo? As crianças que estão a passar pela infância em plena pandemia são das que mais sofrem por não poderem vivê-la plenamente, não podendo dar um abraço espontâneo ao amigo ou partilhar um brinquedo com este. As relações com os mais idosos ficaram seriamente afetadas pelo medo que os mais jovens têm de infetá-los, levando a consequências como a depressão e o agravamento do estado clínico daqueles. Até agora, não conseguimos dar a volta a esta segunda crise, uma crise da afetividade humana. De modo a conseguirmos fazê-lo é necessário mudar urgentemente. Podemos começar por deixar de usar a humanidade como um meio e passar a usá-la, sempre e simultaneamente, como um fim (Kant), não sacrificando o bem-estar e as relações das pessoas para combater esta pandemia. Não é tarefa fácil e

¹ PADRE ANTÓNIO VIEIRA, *Sermão de Santo António - Capítulo II*. Porto, Porto Editora, 2014, p. 15.

precisamos de orientação para o conseguir. No entanto, considerando que nem os nossos líderes sabem como agir e também estão perdidos, precisamos de encontrar um novo rumo. Precisamos de uma bússola se queremos encontrar o caminho certo a percorrer. Iremos encontrar pedras pelo caminho que não saberemos como ultrapassar porque esta situação é nova. Por isso, precisamos de nos ajudar e apoiar uns aos outros de modo a no final descobrir que papel desempenhamos na peça que representa a vida. Madre Teresa de Calcutá dedicou a sua vida a servir os mais necessitados, pois descobriu que este era o seu papel. Devemos guiar-nos por pessoas que fizeram o bem e seguir o seu exemplo. Podemos tornar a descoberta do nosso papel na sociedade algo apaixonante e que nos completa se em vez de se fazer o que se espera de nós, priorizarmos a nossa felicidade, para além de tentar previsivelmente maximizar imparcialmente a felicidade do conjunto dos afetados (Mill), não esquecendo as minorias. O véu da ignorância de Rawls ajuda-nos nesta tarefa com a sua “amnésia seletiva”, levando-nos a ser imparciais e efetivamente empenhados no bem comum aquando da descoberta do nosso papel na sociedade e consequente descoberta de quem somos neste novo mundo.

*ANA BEATRIZ DIAS DA SILVA NUNES TORRES
INÊS SOFIA NETO ROSA
LARA MARISA REIS MARTO
LAURA CRISTINA RODRIGUES DOS SANTOS
MARIA LUÍSA SOFRONII
MARTA SOFIA DA SILVA DAMÁSIO
SARA FILIPE SANTOS ALMEIDA
VIOLETA MARIA KNEIB NEVES*

Alunas do 11º ano do curso de Ciências e Tecnologia do Colégio de São Miguel, no presente ano letivo de 2020. Este trabalho foi realizado na instituição de ensino Colégio de São Miguel, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, sob orientação da professora Hélia Salvado².

² Um especial agradecimento à professora Cláudia Sousa, à professora Hélia Salvado, à professora Paula Francisco e ao professor Sérgio Vicente por toda a ajuda disponibilizada para que este trabalho fosse possível.

TUDO É PASSAGEIRO

Lucas Matias

Maria Lopes

Maria Salomé

Mariana Silva

Ruben Isidro

Tiago Pereira

Tomás Vieira

20/5/2020

Mais um dia vivendo na solidão que é este mundo, unido, mas separado. Tudo mudou algo que vos digo que não veio para melhorar minha vida, mas sim acentuar este vazio que sinto dentro de mim. Sou mais um viajante neste mundo que não sabe para onde vai, mais um que luta no dia-a-dia contra as suas tempestades na sua barca frágil, vulnerável á sua mãe natureza. Como eu tantos se encontram assim ou pior.

27/5/2020

Hoje reparei que as pessoas só dão importância às coisas quando não as têm, mas acho que a partir de hoje isso pode mudar.

Devido a esta pandemia as pessoas têm sido afetadas a nível dos seus relacionamentos e do seu estado psicológico, de certa maneira há outros, como o problema económico e o ambiental, que são os mais destacados de todos os que existem.

3/6/2020

Como em tudo na vida nada dura para sempre.

Relacionamento: uma palavra que quando ouvimos pensamos logo em amor, mas, como tudo, nada se resume a uma palavra, podemos até dizer que amor é 5% do que é um relacionamento, os outros 95% são compostos por coisas que nos passam despercebidas, desde conhecer, observar, respeitar, compreender, etc. Com esta pandemia, ficar distante de uma pessoa pode afetar nestas pequenas coisas que nos passam despercebidas e isto pode acabar com um relacionamento.

Por isso, para que não vos aconteça isto, lembrem-se que “O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM O CORAÇÃO NÃO SENTE”.

10/6/2020

No turismo já começamos a observar dificuldades económicas devido a não existir turistas, este problema é grave pois Portugal vive nomeadamente do turismo e sem este nosso precioso rendimento nacional, consequentemente mais pessoas vão para *lay-off* e depois para o desemprego.

Por isso, se ainda tens emprego, AGRADECE.

17/6/2020

Parece que o ar está mais puro, de certa maneira deve-se a não existir grandes emissões de dióxido de carbono e monóxido de carbono, afinal o confinamento até tem algumas vantagens.

Ainda bem, pelo menos tenho alguma coisa que me anima no meio da tristeza que é este confinamento. Como em tudo há vantagens e desvantagens.

25/6/2020

Hoje mais um dia aprisionados em casa por um bem comum, hoje mais um dia de que ninguém se vai esquecer, um dia em que abdicamos todos da nossa liberdade pelo bem-estar dos outros.

Por isso AGRADECE às pessoas que hoje ficaram em casa por TI.

8/7/2020

Já se notam algumas dificuldades no sistema nacional de saúde, profissionais saturados com o trabalho árduo e contínuo sem descansos, que abdicam de ver a sua família para cuidarem de ti, que gastam todas as suas energias em ti.

Por isto tudo agradece, não sejas mais um ingrato vivendo neste mundo, mete-te na pele do outro, respeita-o e compreende-o.

22/7/2020

A próxima vens que achares que deves de ir a uma festa, pensa e volta a pensar, e lembra-te que o hospital não precisa de mais pessoas, por isso não vás. Se te chamarem nomes lembra-te “QUE O PIOR PESADELO É A CONSCIÊNCIA”.

3/8/2020

Quantos pessoas é que atualmente não têm casa, comida, se calhar perto de mim ou de ti, apenas com vergonha de pedir ajuda, fica mais atento, e vais perceber que no meio de tantos és o que se encontra melhor.

Se tens dinheiro para comprar máscaras aproveita e pensa quantas pessoas gostariam de ter uma para se poderem proteger deste vírus.

14/8/2020

Se hoje é mais um dia em que andas a lutar contra essa revolta que tens dentro de ti, ou essa angústia, pensa antes de descarregares tudo em cima de uma pessoa que esta mesma pode ter alguém que se encontra como tu, a lutar não contra uma simples revolta mas sim para poder continuar a viver.

Por isso, antes de AGIR, lembra-te que haverá quase sempre alguém pior do que tu, então não te esqueças de AJUDAR e AGRADECER.

21/8/2020

Mais um dia cheio de preocupações, O que vai acontecer depois? Será que eu vou conseguir ultrapassar este problema? Com perguntas que nem eu nem tu conseguimos responder, mas ambos sabemos que iremos conseguir responder a tudo isto, apenas precisamos de VIVER.

28/8/2020

Um relacionamento; podemos compará-lo a um barco que tem duas pessoas dentro dele, cada uma delas tem um remo, se apenas uma pessoa remar o barco vai andar às voltas e não vai sair do mesmo sítio, mas se pelo contrário as duas pessoas remarem o barco vai andar para a frente e vai chegar ao destino. Como este barco, também um relacionamento precisa de duas pessoas que se esforçam, lutam contra as dificuldades, porque a vida não é um “mar de rosas”, então se você rema sozinho numa barca deixe de gastar energias e desista, mas desista de cabeça erguida porque você fez tudo o que podia.

Não fique pensando no passado nem no futuro VIVA O PRESENTE.

11/9/2020

Quando te aparecer um novo problema pela vida não te fiques questionando: Porque

é que estás a passar por isso? Mas questiona antes: como eu irei superar isto? Muitas vezes nós não descobrimos a resposta porque estamos a fazer a pergunta errada.

25/9/2020

Não te esqueças de quem és,, não precisas de mudar para que as pessoas gostem de ti, porque tu és assim e a maioria das pessoas gosta de ti assim, e como tu ninguém vai conseguir ser feliz agradando a toda a gente.

3/10/2020

Lembre-se que são os problemas que formam Homens fortes, porque sem eles nós não aprendíamos nem evoluíamos.

Quando cometer algum erro admita e aprenda com ele..

30/10/2020

Com isto tudo só me falta dizer para te animares e não te esqueceres que tudo é passageiro, tal como esta pandemia e todos os problemas.

Por isso:

ARISCA, AJUDA, AGRADECE, SUPERA, LUTA E VIVE.

*LUCAS MATIAS
MARIA LOPES
MARIA SALOMÉ
MARIANA SILVA
RUBEN ISIDRO
TIAGO PEREIRA
TOMÁS VIEIRA*

Alunos do 11º ano do curso de Ciências e Tecnologia do Colégio de São Miguel, no ano letivo de 2020. Trabalho realizado na instituição de ensino Colégio de São Miguel, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, sob orientação da professora Hélia Salvado.

TEXTO INFANTIL

QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO?

Beatriz Cruz de Moura

Se me perguntassem há sete meses quem sou eu nesse novo mundo, provavelmente eu responderia que não sei. Mas hoje posso dizer que com o passar do tempo, nesse novo mundo, eu sou uma pessoa mais madura.

O meu *eu* no mundo pandêmico tem mais empatia pelos outros. Agora, nessa nova realidade em que vivemos, penso nas pessoas que perderam parentes queridos, nas famílias incompletas e sonhos irrealizados.

Entretanto, apesar dessas infelicidades, nos últimos meses pude evoluir como ser humano, descobrir coisas de que gosto e tornar-me alguém melhor, alguém que aprendeu a viver cada momento, pois o amanhã é incerto e talvez nele eu seja só uma lembrança.

Eu sei que daqui a uns anos terei orgulho em mim por passar por tudo isso, e terei mais orgulho de dizer que nesse novo mundo eu sou uma pessoa madura e evoluída.

BEATRIZ CRUZ DE MOURA

Tem 12 anos e mora em Boa Vista (RR), no Brasil.

CURTA-METRAGEM SÉNIOR

INVISIBLE

João Motta Guedes



JOÃO MOTTA GUEDES

Nasceu em 1995. Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa e Mestre em Direito Internacional e Europeu pela Universidade NOVA de Lisboa. Fez o curso de desenho e pintura, bem como a residência artística na escola Mart. É membro da Associação Pousio Arte e Cultura. Participou em diversas conferências internacionais, entre as quais Identity, Culture and Law (2019) e To grasp the whole world (2019). Expõe regularmente desde 2019, participando em diversas exposições colectivas tais como Coexistência e Negociação (Museu Condes de Castro Guimarães, 2019), Tendas (Escola Manuel da Maia, 2020), Como bebe uma flor (Jardim das Amoreiras, 2020). Em setembro de 2020 recebeu o prémio de pintura Alunos da FBAUL na Ermida (Travessa da Ermida, 2020). Frequenta actualmente o mestrado em pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Curta-Metragem

Realizado no âmbito da conferência Filo-Lisboa, a curta-metragem *Invisible* pretende ser uma reflexão visual e conceptual sobre as ideias de isolamento e conflito, tanto a um nível individual como coletivo, apresentando-se como uma metáfora do tempo contemporâneo e como uma alegoria do caos que nos reorganiza na sua imprevisibilidade.

Realização: João Motta Guedes.

Representação: Rita Motta Guedes.

Câmara: Afonso Motta Guedes Carreira.

INSPIRO

Carlotta Góis



Fecho a porta!

Não oiço nada, oiço tudo!

Abro a janela, inspiro!

Uma paz no meio da guerra.

Fecho a janela, expiro!

Ou uma guerra no meio da paz.

Digo que não sinto nada, Pórfiro!

Qual é a sensação de um abraço.

Há quem diga o que sente, admiro!

Será que ainda o sei fazer.

Fecho os olhos, respiro!

Tenho saudades do mar.
Abro os olhos, suspiro!
Tenho saudades da água salgada.
O mundo está todo unido, que giro!
Ando a ver filmes novos, ler novos livros.
Separadamente unido, retiro!
Descobrir novos mundos.
Passo a noite acordada, transpiro!
Consigo ouvir o som dos pássaros pela janela.
Queria estar ao ar livre, sátiro!
A primavera chegou.
Quando isto acabar temos de ir beber um copo, sugiro!
Tenho saudades dos meus amigos.
Ou fazer um jantar, prefiro!
Criar novos momentos.
Estou em isolamento social, confiro!
Quem me dera que isto tudo acabasse.
Mas ainda falo com quem mais gosto, refiro!
Para voltar aos velhos tempos.
Oiço tudo, não oiço nada!
Inspiro.

CARLOTA GÓIS

É estudante de Cinema e Televisão na ETIC (Escola de Tecnologias Inovação e Criação, Lisboa).

Curta-Metragem

Esta curta-metragem representa os meus dois estados de espírito durante a quarentena, estando estes sempre em conflito, mas depois de me abrir e expressar finalmente encontraram paz.

Argumento: A Própria.

Realizadora: Carlota Góis.

Direção de fotografia e Chefe eletricista: Marta Laureano.

Edição: Sebastião Góis.

Estado de espírito 1: Mariana Teixeira.

Estado de espírito 2: Sebastião Góis.

POR TUDO O QUE DEVEMOS PARAR

Cintya Floriani Hartmann



Por tudo que devemos parar

“Quem me ensinou a nadar

Quem me ensinou a nadar

Foi, foi marinheiro

Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos

De outras terras, de outro mar”¹

Todos nós nascemos para o exílio.

Eu, você, aqueles todos que não estamos, os que já foram e nos esperam... todos nascemos para o exílio. Lembram?

¹ “Peixinhos do mar”, canção tradicional de marinada, adaptada pelo compositor Tavinho Moura.

O choque foi tão grande que travou o choro.

Mas, quando vamos para o exílio já sabemos: com uns tapas tudo se resolve. O pulmão é dilatado à força: Res... pi... rar.

Se não fossem esses tapas da vida, estes que nos fazem exilados de nós. Exilados dos nós... Como se pudessemos voltar atrás, para o ventre de onde nos expulsaram à força.

Sempre à força...

Mas agora estamos aqui, Século XXI! Em 2020! Como evoluímos, não é?

Lembram quando éramos miúdos, e nos falavam do apocalipse do ano 2000 ou dos que acreditavam, como a civilização Maia, que o mundo ia acabar em 2012?

Sobrevivemos!

E aqui estamos à deriva...

Depois de tanto mar navegado aqui, domesticamente exilados a esperar, esperar, esperar que as coisas sempre melhorem. Os refugiados passam a vida inteira assim: nascem e morrem no exílio.

Fica em casa! Onde?

Quanto evoluímos, não é mesmo?

O ser humano é extraordinário, não é? Expulsos do ventre para esta vida e passar o tempo a esperar a hora de retorno num êxodo contínuo e solitário.

Mas, e quando este exílio da existência, esse de nascer, crescer, vai para lá vem para cá, casa, separa, trabalho, desemprego, conta para pagar, filho para criar, embarca em autocarro, viaja de avião, navega num barco, enfrenta o trânsito, sem cessar o tempo... amores que morrem, outros nascem...

Um ir e vir como se fossem exílios da nossa existência que nos expulsam cada dia um pouquinho, pedacinho por pedacinho de quem de verdade somos?

Per tur ba Dor...

Exilados em parcelas, como remédio amargo para curar dor. Como aquele tapa ao nascer.

Nós somos todos filhos e filhas do exílio. Meu Português, que é o seu Português, é também um exílio. Nossas famílias foram para o exílio, minha bisavó que teve filhos com um indígena e filho casou com africano, a filha casou com um exilado da Alemanha cuja filha casou com um exilado da Itália... *Después volvimos a la península para trabajar sabes? Porque aqui antes necesitaban de nosotros. ¡Ahora no pero antes si!*

Todos nós, antes e agora, exilados da vida e a exilar, expulsar, negar, excluir.

Como evoluímos, não é?

E eles pensam que nos enganam a todos. Mas nós, eu, tu, você, todos nós, toda a gente, agora sabemos que não era para nós aquele ouro que nos fizeram arrancar.

E a dor ancestral do exílio que nos fazem carregar?

Per...tur...ba...Dor.

Per – pe – tu – amos Dor.

Perpetua...Dor.

PerduraDOR.

A todos: eu, você, os que estão a afogar-se agora antes de morrer na praia de cada costa do mundo, aos que estão no Brasil, em toda América Latina e na África sempre:

Como vamos curar a nossa dor, a minha e a sua, se ela está lá onde a deixamos? Com tanto que evoluímos, não é?

Somos até capazes de parar o mundo para salvar-nos!

E se o vírus também fosse a fome, o racismo, o emprego precário, a saúde precária, a educação precária, a casa precária, o preconceito, a violência contra as mulheres, o desrespeito pela Ciência? E se o vírus também fosse uma mutação do fascismo: esse que se alimenta do medo para controlar-nos? Parávamos o mundo para salvar-nos?

A dor é do tamanho da nossa indiferença. Sentimo-nos seguros quando tudo está sob controle, não é?

Nós, eu e você, tu, *nosotros*, *we* bem sabemos que há poderes que não são proclamados: eles se instalam. Pouco a pouco vão corroendo nossa existência e, sem perceber, afogados estaremos todos no exílio, antes de chegar à terra firme.

Cúmplices.

CINTYA FLORIANI HARTMANN

É jornalista e doutoranda do Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa.

Curta-Metragem

Desde quando já havíamos normalizado os absurdos? Desde quando o que vivíamos já não era normal? Quantas razões tínhamos para parar antes da pandemia e não o fizemos? Há muito tempo eu devia ter parado. Devíamos ter parado todos.

Texto, narração, gravação e interpretação: Cintya Floriani Hartmann.

Edição: Áurea Fonseca.

VOU PARTIR... EM TEMPOS DE PANDEMIA

Afonso da Rocha



Quero partir,
tenho que partir,
sou obrigado a partir.

Tudo vos deixo.

Vou como cheguei: despido.

Até as marcas dos infortúnios aqui vos deixo: os azedumes; a inveja; a ganância, o ódio e o desprezo que alimentei pelo meu igual.

Lá, pra onde vou, não preciso de nada e muito menos do que me trouxe distúrbios, dissabores e preocupações no decorrer do meu tempo.

Não é triste, a minha partida.

Fui preparado para isso e se não fosse, minha viagem estava programada faz tempo. Pena que a isso não tenha dado ouvidos e tenha agido como se fosse dono do saber, dono de outros, dono do próprio mundo.

Agora já sei, talvez tarde, mas sei!

O mundo é o aqui, e o agora...

Mas vou tranquilo.

As contas estão pagas; os azedumes sanados; os compromissos vencidos.

Quando estiver lá longe, onde não existem desigualdades, onde todos seremos medidos pelo mesmo olhar, quero recordar como foi bom estar aqui, e vos recordar, com meu doce pensar.

Eita, mundo bom...

Valeu a pena.

AFONSO ROCHA

Nasceu em 1946 no norte de Portugal e vive, desde 2013, no Brasil, em Florianópolis/SC. Nos anos sessenta e setenta combateu o fascismo e lutou pela liberdade e a democracia no seu país. Participou em várias coletâneas tanto em Portugal como no Brasil. Foi jornalista, radialista e empresário na área da comunicação social, palestrante e dirigente associativo. Em 2013 publica o seu primeiro livro: *Olhos d'Água – histórias de um tempo sem tempo*, romance histórico sobre Portugal entre 1946 e 1974, editado em Portugal e no Brasil; em 2014, também editado nos dois países, *Trovas ao Vento – numa roda de amigos*, livro de poesias; em 2015, *Procurando a Carochinha* (romance); e em novembro de 2016, *Sangue Lusitano – o sul do Brasil só é brasileiro porque foi português*, romance histórico baseado em fatos reais sobre a chegada, em 1516, dos primeiros portugueses e castelhanos ao Sul do Brasil, a chegada de Francisco Dias Velho, a fundação de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) e a criação dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. *Pecador, me confesso! - O holocausto do século XXI* (maio de 2019), surge como que um grito, um alerta à sociedade, sobre os gritantes crimes que se cometem contra os jovens, as mulheres, os idosos, os desprotegidos, a comunidade LGBTIQA+ e os imigrantes, ao mesmo tempo que o autor assume, ele também, a quota-parte de culpa pela passividade e o descaso da sociedade perante os crimes sexuais e outros. Em agosto de 2020, em plena pandemia, presente *MOMENTOS & outras falas*, na modalidade de e-book kindle e *Canasvieiras 270 anos. Nossa História. Nossa Gente*, também em edição impressa (outubro 2020). Afonso Rocha é membro da Associação das Letras, com sede em Joinville/SC; membro da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências, de Cruz Alta/RS; membro da Academia de Letras de Biguaçu/SC; fundador e diretor da revista digital literária, catarinense, *Corrente d'escrita – plantando cultura*; (www.issuu.com/correntedescrita), responsável pelos encontros *Senadinho Literário*, entrevistas com escritores catarinenses que se debruçam sobre a pessoa e as obras respetivas. Em 2018, no Congresso Internacional

sobre os 270 anos da presença açoriana em Santa Catarina, dissertou sobre os *Escritores de Fronteira*, uma reflexão sobre a literatura na diáspora. E, no ano seguinte (2019), organizou em Florianópolis o colóquio sobre *Língua Portuguesa, ontem e hoje*. As duas intervenções estão disponíveis (gratuitamente) em PDF.

Curta Metragem

Texto: Afonso Rocha

Ator: Antônio Cunha

QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO?

Ana Paula de Oliveira Gomes

João Martins Freitas



I

Em face da manada dos vãos normais
Com limitadas percepções tais e quais
Adepta à medição por curtas réguas...

Persiste tu no bom combate sem tréguas
Eis a valiosa e cara arte do saber viver:
Resiste tu, farol de luz nas trevas, podes crer!

Jamais seja pedra de mina sinistra e temida

Sê – sempre – humana, prudente e destemida.

II

Canindé é Assis no Nordeste brasileiro
No Ceará-Saara sedento, quanto romeiro!
Indistintos irmãos sol, lua, lobo e água...

Santo bendito, chaga o coração da mágoa
Opera na causa planetária e cura tamanha dor
Cravada no peito como punhal destruidor.

És vivo símbolo de simplicidade, amor e alegria...

Raios de luz a teus devotos, por caridade, envia!

ANA PAULA DE OLIVEIRA GOMES

É escritora, professora e jurista nordestina brasileira.

JOÃO MARTINS FREITAS (Mamu – João Mamulengo)

É poeta, compositor, músico e cantor nordestino brasileiro.

Curta-metragem

Texto e produção: Ana Paula de Oliveira Gomes.

Música, voz e violão: João Martins Freitas (Mamu – João Mamulengo).

HORAS SOLITÁRIAS – VÍDEO-POEMA

Cupertino Freitas



I

Primeiro veio a noite, depois a chuva encheu a noite,
depois o silêncio foi maior que a chuva; ficou...
Maior que o silêncio é o tédio desse apartamento.
Da janela vou medindo o silêncio da noite,
lá embaixo o beco, molhado, com penumbra; com ninguém.
Lá longe há luzes acesas, ainda há amor em movimento?
Aqui o silêncio, e o beco no escuro.
Na clave dos fios de luz, lá embaixo, eu tento compor
com notas de pontas de cigarro, breves e semibreves,
pontas no minueto da tristeza.
A noite existe para dois, eu sou pouco demais para essa noite.
A minha noite corre de goteira em goteira,
o beco é cada vez mais solitário, cada vez mais silêncio,
nessa outra madrugada sem você.

II

Não é de um pequeno percalço que estou falando,
como daquela vez em que o sorvete de coco com abacaxi caiu da casquinha
antes de você dar a primeira lambida.

Você tinha dito para eu não tomar nada gelado; me proibiu, até.

Eu, com quase quarenta graus de febre,
olhei aquela bolona despencar e tive que conter o riso;
voltamos os dois pra casa sem tomar sorvete.

Não estou falando de algo realmente muito desagradável,
como no dia em que o rapaz que você ia ajudar a encontrar um endereço
apontou uma arma pra sua testa,

nem estou falando de coisas ainda mais sérias, trágicas,

como você perder a conexão do voo internacional
e não chegar a tempo de se despedir de sua mãe,
ou você esfregar os olhos por conta da vista embaçada
e descobrir que estava com uma infecção ocular
que quase lhe tirou a visão do olho esquerdo,
ou do sinal que você deixou para tirar depois
e o médico disse que era cancerígeno.

Na verdade, estou falando é de você decidir me abandonar,
assim, do nada, depois de tanto dizer que me amava;
é desse tipo de coisa que estou falando, desse tipo de perda.
Porque você disse, muitas vezes disse, que me amava,
e jurou que nunca ia me deixar.

III

Eu quero um momento de tranquilidade
a me permitir uma noite boa de sono,
mas não tenho momentos de descanso.
Tantos se foram com seus sonhos e ilusões,
sem o aconchego e o adeus dos familiares.
São dias intermináveis de luto.
De uma falta absoluta de tudo.
E eu preciso de uma ideia nova
para o tempo que virá,
pois em algum momento
ao normal a vida voltará.

CUPERTINO FREITAS

Brasileiro, é escritor e professor de Práticas Literárias. Autor dos romances *Judas no Paiol* (Moinhos, 2018) e *Cidade Santa* (Folheando, 2020), tem contos publicados em várias coletâneas, dentre elas *Histórias do Cotidiano* (Verlidelas, 2019), *Brasil Memórias del interior* (Ediciones Ambulantes, 2019), *Contos Sombrios* (Duende Amarelo, 2019), *Limiar – delírios cruzados* (Chiado Books, 2019), *A Face do Medo* (Folheando, 2019), *Quase Nome* (Labrador, 2019), *Ecos de Natal: ouça os sinos, sinta a magia* (Eco Literário, 2018) e *Fa-rol* (Moinhos, 2017). Primeiro lugar no III Concurso “Cuéntame un cuento”, da Universidade de Salamanca (2019); premiado no concurso “Repertório de Utopias” do Itaú Cultural (2019); premiado como coautor na primeira edição do “Prêmio literário 200 anos da Independência” do Ministério da Cultura (2018) e como autor na segunda edição (2019).

Curta-Metragem

No vídeo-poema “Horas solitárias”, o poeta, isolado em quarentena, amarga o luto de alguém que ele amava muito e que morreu na pandemia de covid-19. Na primeira parte, reflete, tomado por profunda melancolia e carência, sobre a solidão, o tédio e o silêncio em uma noite úmida. Na segunda parte, nos fala sobre percalços e fatos tristes de sua relação interrompida, das pequenas e grandes tragédias que viveu com o amor de sua vida, e sobre a tragédia maior, a perda desse amor, a dor e frustração do súbito abandono. Por fim, clama por momentos de tranquilidade, lamenta o luto que se abateu sobre o mundo e espera se apegar a algo novo para retomar a vida no pós-pandemia.

Autor, ator e gravação: Cupertino Freitas.

UM SÓLIDO MULTIFACETADO QUALQUER

João Meirinhos



Receber atenção virtual é a única força que me energiza, porquê amar uma esposa, ou um rebento ou um retrato quando um *live online* pode atingir poucas centenas de antigos colegas e *stalkers* ocasionais, fico à deriva sem canetas quando me apercebo quanto mundo já não troquei pela presença que contamina meus mil hiperónimos; miragens caóticas de esmegma flácido para o próximo domingo prever uma insónia gradual (...). Fez 2 meses ontem que não saía de casa, nada, fui ao vidrão uma vez, a 50 metros aqui de casa, raspando as reservas de toucinho do céu em pó, de prazo ultrapassado 2018, e trocando o corpo por pão e legumes, ontem no entanto saí, com uma alemã do tinder, fomos à praça do comércio com a tapada das lebres, não quis subir, mas... saí! Graças à internet e à arte estarei sempre só. E no dia seguinte foi coma, para quê tanta imagem, para quê tanta ilusão e link e multifacetação afónica, para onde é que corre o João? Tenho medo que o chão vire queda livre e ver em olhos moribundos uma desilusão vociferante sem dor de cabeça que sobre para ripostar e medo que o sonho não sirva para nada, que o reconhecimento seja auto-imune, que o prazer no acaso seja uma ratoeira ensimesmada. A minha poesia morreu enquanto as praias já se empacotam de novo, tiro a senha, abro a boémia e agendo um zoom... com a SingaPURA.

JOÃO MEIRINHOS

Lisboa (1984). Licenciado em Ciências da Comunicação, variante de cinema pela FCSH-UNL (2007) e mestrado em Antropologia Visual pela Universidade de Manchester (2013). Como voluntário internacional pela ONG italiana Bambini Nel Deserto, montou o Cinéma du Désert (2010/2011) – um cinema nómada que funciona a energia solar e viaja longas distâncias, por terra, dentro de um camião, a mostrar filmes de graça nas aldeias mais imprevisas do planeta - projeto que já o levou da Mongólia à Costa do Marfim.

Curta-metragem

Texto e produção: João Meirinhos.

O ESTRIBILHO DO AMOR NO ESPLENDOR DO AMANHECER

Marcelo Moreira



A sombra é o reflexo do medo
A visão fragmentada dos lados
Extremos, cobertos de desejos
A sombra é uma versão do meu Eu limitado
É um sistema de crenças, farsas, trapaças
De realidade ativamente deturpada
De formas obscuras comandadas pelo ego
A sombra é aquilo que nego, mesmo antes de reconhecer

O Ser
Vai além do que penso que sei
Vai além do que acredito que sou
É como versos que se unem
Dentro de um mundo de Universos
Internos, de imaginações
Um lugar sem nome
De infinitas possibilidades
Que vão além de humanos sentidos

Que vão a navegar no desconhecido
Rumo ao horizonte esquecido

O Amor

A energia da Fonte, Divina, criadora
De paisagens infinitas do Cosmos
Que emana frequências de luz
No vazio do próprio Eu
E eu sou todo o mundo
E o mundo é partícula de Deus
E eu sou um reflexo do mundo
E o mundo, um reflexo de mim mesmo.

MARCELO MOREIRA

Natural de Salvador – BA, Brasil, é poeta, cantor e *performer*. Iluminador Cênico pelo Centro de Formação em Artes da Bahia. Ator pela Fundação Cultural do Estado da Bahia. Bailarino de Dança Moderna (Método GriotLab) e de Dança Contemporânea pela Escola de Dança da FUNCEB.

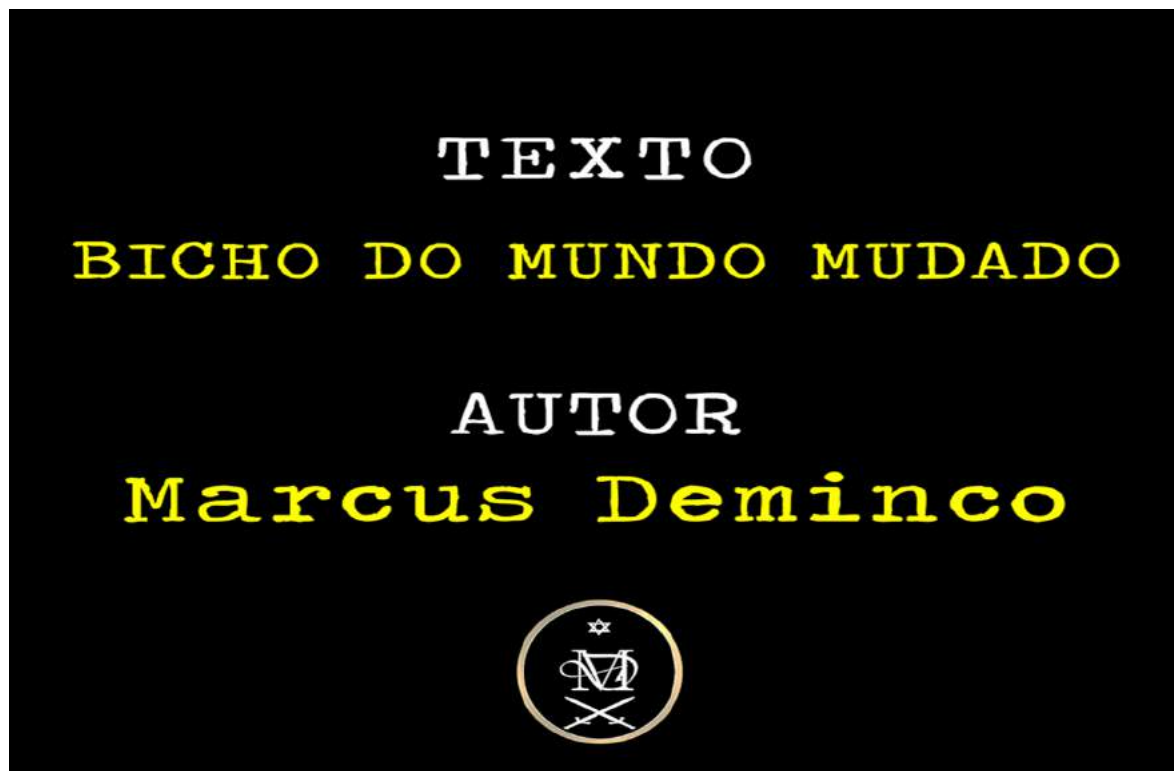
Curta-Metragem

O Ego é a escuridão da mente
O inimigo que nunca descansa
A Consciência do amor é a única chama
E ascender essa chama
É despertar por inteiro a luz do verdadeiro ser.

Autor, ator e imagens: Marcelo Moreira.

BICHO DO MUNDO MUDADO

Marcus Deminco



Sou gerúndio da casualidade
Da quarentena prisioneiro
Saudável morbidade
Nativo estrangeiro

Sou gerúndio da casualidade
Bicho do mundo mudado
Andarilho sem estrada
Intrépido assustado

Sou gerúndio da casualidade
Destemido caçador
Adulto pequenino
Semente de lavrador

Sou gerúndio da casualidade
Epidemia de incerteza
Infindável brevidade
Obscurecida clareza

Sou gerúndio da casualidade
Intricada situação
Encarcerado em liberdade
Esperançosa desilusão

Sou gerúndio da casualidade
Tumultuosa calma
Sentimento ambivalente
Entusiasmada apatia

Sou gerúndio da casualidade
Longínquo isolamento
Alegria sem felicidade
Sonho em desalento

Sou gerúndio da casualidade
Farto desabitado
Despropósito finalidade
Com futuro interdito

Sou gerúndio da casualidade
Convicção de talvez
Impolida amabilidade
Abundância de escassez

Sou gerúndio da casualidade
Vagamundo alienado
Proativa inabilidade
Estafeta sem recado

Sou gerúndio da casualidade
Inopinada anomalia
Funâmbulo da gravidade
Profeta sem profecia

Sou gerúndio da casualidade
Abarrotado sozinho
Animosa debilidade
Peregrino sem caminho

MARCUS DEMINCO

(Salvador, Brasil) é escritor e psicólogo. Especialista em Programação Neurolinguística (PNL); Doutor Honoris Causa em Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH); autor de artigos científicos para revistas eletrônicas de Psicologia publicadas no Brasil e em Portugal. Autor de livros em diferentes gêneros, traduzidos para vários idiomas e publicados em diversos países. Entre suas obras mais conhecidas destacam-se: *Eu & Meu Amigo DDA – Autobiografia de um Portador do Distúrbio de Déficit de Atenção*; *O Segredo De Clarice Lispector*; *VERTYGO – O Suicídio de Lukas*; *Programação Neurolinguística – Começando pelo começo*; *Transtorno Bipolar – Aspectos Gerais*.

Curta-Metragem

A obra expressa a angústia da incerteza do depois, os sentimentos ambivalentes ante a pandemia, e a esperança intrincada no temor que permeiam o porvindouro do isolamento e o distanciamento social.

Autoria e produção: Marcus Deminco.

QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO?

Rogério Mestrinho



São quase 20h00. Estou a meio de uma *Moscow Mule* e para mim podia ser o tal “drink de fim-de-tarde” que marca o início de uma noite cheia de emoções, mas não, uma funcionária do clube onde estou pergunta-me se quero pedir mais alguma bebida, eu olho para o meu copo e ainda não terminei. Ela entende e pede desculpa. Diz-me de forma amável que não pode servir bebidas alcoólicas a partir das 20h00 se não consumir uma refeição. Eu exclamei um grande “Ah!”. Estava esquecido, disse! Agradei o lembrete. Mas havia algo que estava a puxar-me para um sonho acordado e inconscientemente sentia uma vontade brutal de mover cada membro do meu corpo sem limitações ao som da música que tocava uns decibéis abaixo do que estava habituado antes da pandemia. Tenho vontade de gritar! Não, não estou chateado! Mas tenho vontade de me expressar e libertar o que está aprisionado em mim... desde março. Fecho os olhos por alguns segundos, e quem está à minha volta apercebe-se do meu sorriso. Perguntam-me: o que se passa contigo? Fico em silêncio uns instantes. Respiro fundo e falo sobre a falta que uma pista de dança e daqueles que nos dão a conhecer música nova (aqueles *time travellers* que nos atiram para um limbo e conseguem colocar-nos num estado de viagem entre o passado, o presente e o futuro) me fazem... e cito uma frase de um livro que comprei no início da pandemia no nosso país: “Não junto dinheiro mas coleciono memórias das noites em que fui infinitamente feliz a dançar.” – nunca uma frase me descreveu tão bem como esta. Sempre que a leio ou penso nela sorrio, não consigo evitar. Quem sou

eu neste novo mundo? Sou algo entre o que fui ontem e o que o amanhã ditar. Sou como um vírus, estou em constante mutação. Soa a clichê, eu sei... a diferença é que estou de máscara e sentado, mas, continuo a marcar o ritmo com o meu pé direito e a viajar na minha mente, sem limites.

ROGÉRIO MESTRINHO AKA AFFAIR

É produtor de música.

Curta-Metragem

“Quem sou neste novo mundo?” é a primeira resposta em formato audiovisual do produtor de música Affair à pandemia relacionada com o Covid-19. Entre a memória do passado e o atual panorama cultural, Affair, fala-nos sobre a vontade de exprimir-se num “dancefloor” e a limitação física pela qual todos estamos a passar neste momento.

Música *Emotion In Motion* (Original Mix)

Texto e imagem: Rogério Mestrinho Aka Affair.

CURTA-METRAGEM JUVENIL

QUEM SOU EU NESTE NOVO MUNDO?

Cristiano Oliveira dos Santos Silva

Cyril Cordeiro Costa

Daniela da Silva Urbano Rodrigues

Francisca Vieira Alves

Gustavo Miguel Laranjeiro Leitão

Isabele Mamede Gomes

João Miguel Gama Castelão Ferreira



CRISTIANO OLIVEIRA DOS SANTOS SILVA

CYRIL CORDEIRO COSTA

DANIELA DA SILVA URBANO RODRIGUES

FRANCISCA VIEIRA ALVES

GUSTAVO MIGUEL LARANJEIRO LEITÃO

ISABELE MAMEDE GOMES

JOÃO MIGUEL GAMA CASTELÃO FERREIRA.

Alunos de Ciências e Tecnologias do 11º ano do Colégio de S. Miguel em Fátima, Portugal. Trabalho realizado no âmbito da disciplina Cidadania e Desenvolvimento, sob responsabilidade da Professora Hélia Rito Salvado.

Curta-Metragem

No curta-metragem são retratados vários problemas provenientes do COVID-19: problemas financeiros (problemas gerais e setores afetados), problemas escolares (dificuldades no ensino à distância), como vivem os sem-abrigo durante este tempo, problemas hospitalares, a dificuldade dos pequenos negócios, problemas de uma pessoa que esteja infetada com SARS-CoV-2 e as limitações quanto às cerimónias funebres.

Responsável: João Miguel Gama Castelão Ferreira.

Roteiro: Daniela da Silva Urbano Rodrigues.

Vídeo e fotografia original: João Miguel Gama Castelão Ferreira.

Índice

Nota Prévia 7

TEXTO SÉNIOR

Nadar 19

Andressa Barichello

Minha Fronteira 21

Renato José de Oliveira

Melancolia, pandemia e liberdade. A voz da solidão 27

Edson Mendes de Araujo Lima

Talvez Amanhã 31

Lucrecia Welter Ribeiro

Quarentena na quaresma 33

Bruno Santos

Quem sou eu neste novo mundo? Novos velhos mundos 35

Licinia Girão

Biografia 41

Maria Eunice Lacerda

Revelação 43

Maurício Witzak

Quem sou eu neste novo mundo? Uma Análise Sob a Perspectiva Econômica 47

Stefanny Rodrigues de Moura Pereira

TEXTO JUVENIL

Quem sou eu neste novo mundo? 55

Alessandra Moresco Marques

Finados 57

Jair Marinho da Silva Filho

A pandemia e a passividade apocalíptica 59

Bárbara N. Leidens

O Canarinho	63
<i>Fernando Trevisolli de Britto</i>	
Nuvens Escuras	67
<i>Karen Leticia Ferreira da Silva</i>	
Quem sou eu neste novo mundo?	69
<i>Rebeca Oliveira Calheiros Pereira</i>	
Quem sou eu neste novo mundo?	73
<i>Ana Beatriz Dias da Silva Nunes Torres</i>	
<i>Inês Sofia Neto Rosa</i>	
<i>Lara Marisa Reis Marto</i>	
<i>Laura Cristina Rodrigues dos Santos</i>	
<i>Maria Luísa Sofronii</i>	
<i>Marta Sofia da Silva Damásio</i>	
<i>Sara Filipe Santos Almeida</i>	
<i>Violeta Maria Kneib Neves</i>	
Tudo é Passageiro	75
<i>Lucas Matias</i>	
<i>Maria Lopes</i>	
<i>Maria Salomé</i>	
<i>Mariana Silva</i>	
<i>Ruben Isidro</i>	
<i>Tiago Pereira</i>	
<i>Tomás Vieira</i>	
TEXTO INFANTIL	
Quem sou eu neste novo mundo?	81
<i>Beatriz Cruz de Moura</i>	
CURTA-METRAGEM SÉNIOR	
Invisible	85
<i>João Motta Guedes</i>	
Inspiro	87
<i>Carlotta Góis</i>	

Por tudo o que devemos parar	91
<i>Cintya Floriani Hartmann</i>	
Vou partir... Em tempos de pandemia	95
<i>Afonso da Rocha</i>	
Quem sou eu neste novo mundo?	99
<i>Ana Paula de Oliveira Gomes</i>	
<i>João Martins Freitas</i>	
Horas Solitárias – vídeo-poema	101
<i>Cupertino Freitas</i>	
Um sólido multifacetado qualquer	105
<i>João Meirinhos</i>	
O Estribilho do Amor no Esplendor do Amanhecer	107
<i>Marcelo Moreira</i>	
Bicho do Mundo Mudado	109
<i>Marcus Deminco</i>	
Quem sou eu neste novo mundo?	113
<i>Rogério Mestrinho</i>	

CURTA-METRAGEM JUVENIL

Quem sou eu neste novo mundo?	117
<i>Cristiano Oliveira dos Santos Silva</i>	
<i>Cyril Cordeiro Costa</i>	
<i>Daniela da Silva Urbano Rodrigues</i>	
<i>Francisca Vieira Alves</i>	
<i>Gustavo Miguel Laranjeiro Leitão</i>	
<i>Isabele Mamede Gomes</i>	
<i>João Miguel Gama Castelão Ferreira</i>	

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FLUL

LETRAS
LISBOA



Embaixada
da República Federal da Alemanha
Lisboa

AMBASSADE
DE FRANCE
AU PORTUGAL
Lisboa
Ambassade de France
au Portugal

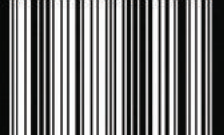


EGEAC



Foto: João Motta Guedes (Invisible)

ISBN 978-989-8985-13-2



9 789898 985132 >